

OSVALDO CRUZ



Rui Barbosa

OSVALDO CRUZ

Discurso pronunciado na sessão cívica
de 28 de maio de 1917, no Teatro
Municipal



Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Cultura
Francisco Weffort

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

Presidente
Mario Brockmann Machado

Diretor Executivo
Luiz Eduardo Conde

Diretora do Centro de Pesquisas
Rachel Valença

Chefe do Setor Ruiano
Rejane M.M. de Almeida Magalhães

Preparação dos originais, notas e índice:
Eni Valentim Torres

Edição:
Setor de Editoração/ Centro de Pesquisas

Projeto gráfico:
Angelo Venosa

ISBN 85-7004-214-0

Barbosa, Rui

Oswaldo Cruz / Rui Barbosa ; prefácio de Carlos Chagas Filho. – Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.

88 p.

Discurso pronunciado na sessão ceivica de 28 de maio de 1917, no Teatro Municipal.

1. Cruz, Oswaldo, 1872-1917. 2. Barbosa, Rui, 1849-1923 – Discursos, ensaios e conferências – 1917. I. Chagas Filho, Carlos, pref. II. Fundação Casa de Rui Barbosa. III. Título.

CDU: 92 Cruz(042)

Sumário

Apresentação	7
Um Pasteur nos trópicos	9
Prefácio	11
Oswaldo Cruz	15
Notas	73
Índice Onomástico	84

Apresentação

Comemorou-se o sesquicentenário de nascimento de Rui Barbosa em 1999. Um ano depois, celebra-se o centenário de criação do Instituto de Manguinhos, hoje Fundação Oswaldo Cruz.

Para registrar essas duas efemérides, as Casas que levam os nomes daqueles ilustres brasileiros decidiram publicar a bela oração pronunciada por Rui Barbosa na cerimônia de homenagem póstuma a Oswaldo Cruz, realizada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 28 de maio de 1917.

Nessa ocasião, não se limitando aos elogios protocolares, o orador surpreendeu pela riqueza de detalhes com que analisou a importância da obra de Pasteur e Oswaldo Cruz, e a segurança com que abordou os princípios orientadores do procedimento metodológico que caracterizava o inovador trabalho daqueles cientistas.

De fato, o nível de informação de Rui sobre a bibliografia no campo da história e da filosofia da ciência, sobretudo de orientação positivista, era notável. É que para a sua insaciável curiosidade intelectual, como ele mesmo reconhecia, estava ainda “por descobrir sedativo”.

Essa crença iluminista na importância e na necessidade da liberdade da ciência, para a qual ele demandava o apoio do Estado, Rui já a demonstrara anteriormente, quando de seus Pareceres sobre a reforma do ensino, onde expressou apreço pelo pensamento de Comte (e de seu discípulo Littré). Exemplo dessa afinidade intelectual foi a sua proposta, no âmbito da reforma do currículo de Direito, de substituição do Direito Natural, “que é metafísico”, pela Sociologia.

Sabemos que Rui, anos depois, sempre repensando suas convicções filosóficas, pouco a pouco reaproximou-se de questões espirituais, conforme já notara mestre Miguel Reale. Contudo, ainda neste discurso de 1917, como se poderá ver, ele continua entusiasmado com o progresso da ciência, e seu reconhecimento do sucesso do método científico sugere alguma continuidade de pensamento.

Nessa linha de raciocínio, Rui exalta o papel de Oswaldo Cruz como fundador da medicina *experimental* entre nós, inaugurando uma linha de rigorosa pesquisa científica predominantemente associada à busca de soluções para graves doenças infecciosas, endêmicas e epidêmicas, que

assolavam as cidades do litoral e o grande interior do País.

Mais ainda: Osvaldo Cruz se consagrara como criador de uma vitoriosa instituição de pesquisa (e, em boa parte, também de ensino, com o Curso de Aplicação) em uma sociedade ainda muito alheia a esse tipo de iniciativa. Rui dizia tratar-se de um raro caso de “homem certo no lugar certo”, pois Osvaldo Cruz reunia competência como pesquisador, habilidade como administrador público e liderança para formar novos colaboradores.

Realmente, é incomum que um conjunto assim tão complexo de iniciativas e atividades tenha sido realizado, com sucesso, por alguém que tão cedo faleceu, com apenas quarenta e dois anos de idade.

Sem dúvida, Osvaldo Cruz era uma pessoa especialmente talentosa, e não terá sido por acaso que Rui, que como ele se destacava do meio intelectual daquela época, tenha sentido tanta admiração por aquele seu patrício.

Ao convidarmos o professor Carlos Chagas Filho, partícipe dessa admirável escola de ciência e brasilidade, para prefaciá-lo, e a diretora da Casa de Osvaldo Cruz para apresentá-lo, quisemos homenagear todos os que, ontem e hoje, decidiram dedicar-se à saúde pública e à medicina social no Brasil.

Mario Brockmann Machado
Presidente da Casa de Rui Barbosa

Um Pasteur nos trópicos

Entre os textos dos contemporâneos que julgaram o papel de Oswaldo Cruz na ciência e na sociedade brasileira, a conferência de Rui Barbosa destaca-se pela forma como aborda a importância política da saúde pública durante a Primeira República. Ao enaltecer as ações de saneamento no Rio de Janeiro e a formação do instituto de pesquisa em saúde pública que leva o nome do cientista e hoje completa um século, o autor toma posição a favor da institucionalização da medicina experimental e de seu papel na construção de um Brasil moderno.

A atitude menos engajada diante do que alguns contemporâneos referiram como “religião do saneamento”, que o diferencia dos discursos dos discípulos de Oswaldo Cruz e outros admiradores, torna mais interessante este depoimento. Em momentos anteriores, Rui Barbosa chegou mesmo a se pronunciar de forma crítica diante, por exemplo, de fatos como a lei que, em 1904, instituiu a vacinação obrigatória contra a varíola, e que resultou em conhecida revolta popular. Ao se colocar na perspectiva de um leigo, ele nos leva a refletir sobre o significado social das ações de saneamento, especialmente nas cidades. Missionário do progresso, Oswaldo Cruz teria promovido a verdadeira abertura dos portos, condição imprescindível para a afirmação do Brasil como nação independente. O ideal de garantir civilização nos trópicos aparece em primeiro plano neste documento, que pouco se refere às contradições, lembradas em outros textos, entre a necessidade de coerção do Estado para defesa da saúde coletiva e a defesa de princípios liberais.

O fio condutor da narrativa é o significado da obra de Pasteur ao descobrir um novo mundo, “o mundo infinitamente mínimo, dos micróbios e parasitos”. Rui Barbosa adverte o leitor para a importância deste fato que transcenderia o laboratório e progressivamente se faria sentir nas relações sociais, na vida familiar e nas novas percepções sobre contágio e doença. O impacto político da teoria pastorianiana é acentuado pelo autor, que destaca a importância da medicina nas guerras entre nações, lembrando o adágio inglês que afirma ser a doença, e não o conflito bélico, o maior coveiro dos soldados.

A idéia-força de Pasteur teria em Oswaldo Cruz um continuador,

mas em um contexto particular – uma sociedade que, no início do século, tinha sua imagem pública associada às doenças transmissíveis. O “país da febre amarela”, enfatiza o conferencista, precisava ser saneado. Sobressai a valorização positiva da imigração européia e o receio de que a doença “negreira” e “xenófoba”, que poupava negros e mestiços e vitimava brancos, se associasse à imagem que as outras sociedades nacionais tinham do Brasil.

A criação do Ministério da Saúde, uma das principais idéias defendidas por Rui Barbosa, ocuparia no ano seguinte ao desta conferência espaço importante no Congresso Nacional e na imprensa. Objeto de muitas controvérsias, só foi parcialmente implementada após a Revolução de 1930, numa pasta conjunta com a Educação. A conferência de Rui Barbosa faz parte, dessa forma, do intenso debate nacional que se seguiu à divulgação da emblemática frase do médico Miguel Pereira: “O Brasil é um vasto hospital”.

Este texto é fonte da maior importância para a reflexão sobre o significado da ciência e das campanhas de saneamento no debate mais amplo sobre os caminhos que as elites intelectuais e políticas apontavam para a sociedade brasileira durante a Primeira República. A iniciativa da Casa de Rui Barbosa em divulgá-lo e seu convite para que nos associássemos a este belo trabalho nos gratifica e representa importante contribuição para o conhecimento sobre a forte relação entre a saúde pública e a história política.

Nísia Trindade Lima
Diretora da Casa de Oswaldo Cruz

Prefácio

O discurso em que Rui Barbosa, aos 28 de maio de 1917, analisa a figura e a obra de Osvaldo Cruz, é uma página que deveria ser do conhecimento de todos os brasileiros. Ao lado da qualidade da expressão do grande tribuno, encontra-se um panorama extraordinário da vida do grande criador da medicina experimental em nosso país e, ainda, apreciações profundas sobre as dificuldades que encontrou um pioneiro da qualidade do grande mestre que em Manguinhos, quase no fundo da baía, tornou possível em nosso país a realização da nova medicina que nasceu com as descobertas e os trabalhos de Louis Pasteur.

A maneira com que Rui Barbosa descreve a trajetória de Osvaldo Cruz não pode ser objeto da menor crítica. Entusiasmo o leitor que a lê, que não encontra dificuldades em certas palavras pouco comuns no vocabulário corrente do brasileiro, de tal modo elas se encaixam no contexto da frase e fornecem, por isto mesmo, as condições de sua compreensão. A vida de Osvaldo Cruz é apresentada nas suas várias etapas e mostra como o jovem médico deixou uma prática médica no Rio para seguir para Paris onde começava apenas a brilhar a estrela fulgurante das descobertas e dos novos ensinamentos que Pasteur trouxe para o bem da humanidade. Um por um, cada momento da vida de Osvaldo Cruz é refletida no discurso de Rui Barbosa. Este faz o elogio do cientista de uma maneira entusiasta sem os excessos tão comuns nos louvadores de pouco gabarito, acentuando o que Osvaldo Cruz trouxe de benefício ao nosso país, em todos os aspectos de sua atividade. É claro que hoje o que mais aparece, pelo alcance de sua realização, é o combate à febre amarela, o mais terrível flagelo que assolava as fronteiras marítimas de todo o nosso país. A eliminação da febre amarela, a se iniciar nos portos do Rio de Janeiro e Santos, é a vara mágica com que se abriram à imigração nossas terras e puderam ser conhecidas de todo o mundo nossas riquezas e a qualidade de nossa gente.

Mas, mais do que isso, cumpre assinalar a penetração da medicina no interior do Brasil. Começou ela bem claramente, com a campanha profilática que acompanhou a penetração continente adentro da estrada de ferro Madeira-Mamoré e depois veio a se continuar pela irradiação de Manguinhos em todo o Brasil, seja pelo envio de missões e seus especialistas

para resolverem problemas de saúde assoladores de nossa população, seja pelos cursos realizados na sede da instituição, que vieram levar, a todos os pontos do território, a magia dos exames de laboratório, seja, ainda, pela introdução no espírito das gentes da importância do combate às nossas endemias rurais.

Rui Barbosa descreve esplendidamente, e diria quase com a pureza de um gestor matemático, vários problemas que Osvaldo Cruz teve que enfrentar durante a sua atividade. Não se encontra no discurso, todavia, nenhuma referência especial a determinados atritos que desejavam desconsiderar Osvaldo Cruz para uma parte da sociedade brasileira. Apoiou-se Rui, certamente, na firmeza com que enfrentou nosso higienista o problema do espúrio ataque contra a vacina obrigatória, ou então, em consequência de uma visão genial de que a celeuma criada em torno do problema não teria validade senão pelo período de uma manhã, como disse o poeta sobre a rosa: “Ela vive o espaço de uma manhã”.

Carlos Chagas Filho

Oswaldo Cruz

Minhas Senhoras;¹
Meus Senhores:

Embora, nas homenagens desta natureza, tudo imponha ao orador a norma de se apagar e sumir-se a si mesmo, deixando a cena inteira ao vulto ilustre, para quem se volve a curiosidade e expectativa de todos, destes estilos² me leva a discrepar, hoje, uma dessas circunstâncias, que abrem exceção às mais apertadas regras da modéstia e do bomgosto.

Retificação preliminar

Nem é destes que me arredo, ao exordiar, ocupando-me comigo; porque o bomgosto e a discrição é que me não consentiriam revestir aqui uma dignidade, que não me assiste, assoalhar galas, que não são minhas, entretendo, calado, o equívoco de que eu vos venha falar hoje “em nome da nação”, como anunciaram os nossos jornais, ao darem, com o seu programa, a notícia desta solenidade.

Por menos que valha um homem, senhores, ainda menos ficará valendo, quando tente ou lhe queiram engrandecer o tamanho com o empréstimo de qualidades estranhas. Toda a absorção do alheio nos abala no gozo tranqüilo do nosso. Não pode estar seguro na sua propriedade quem a dos outros usurpa; e, se não mentem grande mentira os anexins, que mentir não costumam, uma figura que se atavia com o espólio do guarda-roupa dos outros, na praça despirá o que a furto vestiu. Não serei eu, pois, quem me dê por emissário da nação, no que ora me ides ouvir os que me honrais com a complacência do vosso concurso.

Nenhuma delegação ou autoridade tenho, para falar de tão alto. Pela nação não podem falar, senão os que reconhecidamente a representam, ou os que, em nome dela, dela dispõem: os que lhe resolvem os atos, os que lhe decretam as leis, os que lhe traçam os destinos. Do número desses eleitos ninguém estará mais longe do que o indivíduo, que ora vos dirige a palavra.

O diploma de senador me dá um lugar numa das casas do Congresso e o direito de lhe ocupar a tribuna. Mas a tribuna parlamentar é, hoje em dia, uma cratera extinta, e as câmaras legislativas mera sombra de

representação³ nacional. Por essas cadeiras, em uma das quais, naquela augusta câmara, há um quarto de século, tenho a honra de me sentar, resvalam camadas e camadas sucessivas de varões eminentes, descambando ao nada, sem deixar o mais leve rasto da sua passagem; e não será, decerto, ao que, menor de todos, não tem alcançado senão baixar constantemente, até se inscrever, hoje, entre os seus pares, no derradeiro grau da escala, não será, por certo, a esse que há de caber a distinção, não lograda jamais pelos outros, de ser o instrumento, em cujas cordas vibre o espírito de sua terra.

Os que representam a Nação

Não basta, senhores, para encarnarmos uma nação, haveremos conseguido⁴, algumas vezes, refletir-lhe, por momentos, no ânimo as nossas idéias, os nossos sentimentos, os nossos desejos. Essas coincidências passageiras, que têm ocorrido na minha vida, entre as crenças, as aspirações, as esperanças do povo e as de um indivíduo, são, as mais das vezes, episódios acidentais, que não traduzem verdadeiras relações de representação espiritual⁵ entre a nação e o homem, de quem ela⁶ transitoriamente se aproxima.

Só os que possuem o condão extraordinário, a bem poucos reservado pela natureza, de mover as massas humanas, de lhes comunicar a energia, a vontade, a perseverança, de as incender na paixão das suas resoluções, só esses dínamos vivos, cujo poder de influência eletriza nacionalidades inteiras, receberam do Criador o privilégio divino da personificação real da sua raça, e trazem nos lábios inspirados a voz da sua pátria. Não assim os que, como eu, se matam, quase sempre debalde, em pregar de idéias, que a multidão aclama, que as urnas abraçam, que uma impressão de geral assentimento recomenda, mas que, ao passarem do círculo do apostolado ao da ação prática, ainda quando aureoladas pela vitória legal, naufragam de encontro às conspirações dos interesses, sem achar, nas maiorias que as elevaram, a resistência popular, onde se encostem para a reivindicação do triunfo burlado.

Das nações que se desnervam, desmedulam e descerebram, que renunciam ao próprio juízo, à própria força e à própria atividade, os genuínos representantes devem ser⁷ os que a elas se substituem no gozo e exercício desses atributos. Da personalidade coletiva, que absorveram, são eles os

senhores, como o tutor o é dos menores⁸, que rege, ou o zagal do gado, que apascenta. Os demais, como eu, como eu são apenas átomos⁹ da poeirada raciocinante, que remoinha num raio de luz, tomando as cores do íris, mas desaparece ao sopro dos que manejam o sol ou a chuva, a bonança ou a tormenta, as decisões irremediáveis e as medidas soberanas.

Só aos que nelas, pois, têm parte, só a eles seria dado falar-vos em nome da nação, dessa nação ausente e absenteísta, que se apartou dos seus bens sem ânimo de volta, outorgando, por abandono, aos que deles se meteram de posse, carta branca e procuração em causa própria, com cláusula, sem reserva, de substabelecer, dispor e alienar.

Vox in deserto

Da nossa arraia miúda apenas me distinguiria eu¹⁰ em não haver sido aquinhado, como ela, com o dom da resignação, e, dissidente por experiência, convicção e vezo, me terem parado as coisas na condição inglória, ociosa e triste de *vox clamantis in deserto*.

Clamando assim, quase sempre no ermo, desde que a nação não con-clama comigo, não me posso considerar com o direito de abrir a boca em seu nome. Apenas me seria lícito, como ao comum dos que não padecem de surdez ou cegueira, testemunhar, com inteireza, dos sentimentos, que se ouvem rumorejar¹¹, comprimidos, nas consciências, como a lava nas profundezas da terra.

Criatura de tal feitio, com esta vocação de importunidade, que a parou no fadário de atravessar uma vida inteira em quase perene combate com o seu meio, não poderia, claro está, ser a melhor escolhida, para o representar no que quer que seja.

Verdade é que, na câmara de que sou membro solitário e inútil, a lei me permitiria orar em nome da nação. Mas a mesma anomalia da minha solidão naquela egrégia assembléia deve ser, se não falha a lógica, o sinal mais certo de que eu, ali, corpo estranho, hóspede impertinente, não represento em coisa alguma o Brasil, e já me tenho demorado sobremaneira em despejar esta censurável situação de representante, que não representa o representado.

Para que, legitimamente¹², vos pudesse eu endereçar a palavra em nome da nação, era mister que as minhas disposições, preocupações ou convicções fossem as suas. Mas, se existisse identidade tal entre umas e

outras, a nossa Constituição não se acharia tão longe¹³ do regímen que proclama; a democracia, a justiça, a legalidade já estariam começando a estampar o seu selo em toda a nossa vida, e a minha não teria sido, nestes 25 anos de república prometida e adiada, a maldição de um ingrato duelo com o irrealizável. “Chefe de idéias”, como, por irrisão, me chamaram, convencido estou, já hoje, de que acabarei, sem que as minhas tenham o seu dia, porque a minha pátria ainda as não quis, nem lhes quer¹⁴.

Ato de Fé

Mas, embora acabe eu¹⁵, a minha fé não acabará; porque é a fé na verdade, que se libra acima dos interesses caducos, a fé invencível naquele que nos disse: “*Habete fidem Dei*”, a fé miraculosa do bem¹⁶, que vinga oceanos e transpõe montanhas:

Amen dico vobis, quia quicumque dixerit huic monti: Tollere et mittere in mare, et non hesitaverit in corde suo, sed crediderit, quia quodcumque dixerit, fiat, fiet ei. Em verdade vos digo que quem disser a este monte: Levanta-te, e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se faça¹⁷ o que ele diz, assim lhe será feito.

Tanto vale a fé, no coração do homem sozinho. Quanto não poderá no coração das nações?

Testemunha, e não representante

Por mais, porém, senhores, que de tudo¹⁸ me dispa, ou me dispam de tudo, sempre me há de restar o que nem eu a mim mesmo, nem todos os poderios humanos, juntos e conjurados, me lograriam tirar: uma alma de homem, um coração de patriota, uma têmpera de veterano do trabalho. E, se tanto bastasse, para honrar o varão ilustre, que hoje celebramos, para testificar a grandeza da sua obra, para o evocar aqui revivo numa visão bendita, não teríeis errado tão de todo na escolha da testemunha, que nomeastes.

Incompetência

Nem por isso, entretanto, deixou de me parecer temeridade o cometimento. Como descrever os trabalhos de Osvaldo Cruz, caracterizar-lhes a expressão, medir-lhes o alcance, tomar-lhes o relevo, estimar-lhes os resultados, sem entrar pela região dessas ciências¹⁹, em cujo serviço viveu e ganhou os loiros da sua vida?

Médico era meu pai, ainda que também político e homem de letras; e as minhas leituras de criança e moço, já então afervoradas pela sede insaciável desta curiosidade, a que ainda estou por descobrir sedativo, não distinguiam, na variada e abundante biblioteca de casa, entre os volumes de literatura, os livros de política e os tratados de medicina, em todos os quais, ora uns, ora outros, consoante me afetava o apetite, bebia eu a pasto, sem ordem nem regra, o que o ensejo me deparava, e o entendimento, ainda verde, ingeria, de ordinário sem digerir. Daí, porém, só me terá restado²⁰, como era natural, quanto ao conhecimento das ciências do organismo humano, um grosseiro começo de cultura, um amálgama sedimentário de noções vagas, incorretas ou mal assimiladas.

Não era com estes recursos toscos e rudes²¹ que eu me havia de atrever às delicadezas de um estudo sobre o introdutor da patologia experimental no Brasil. A tarefa é das que só aos iniciados se podem reservar. Submeter-me a ela era pôr-me, evidentemente, dado que o mal me viesse de mãos amigas, em risco de provável desastre. Devia relutar. Relutei, mostrando-lhes a decepção, a que se aventuravam. Atalharam-me à boca as objeções com elogios e finezas²². Insisti, alegando o excesso dos meus encargos, crescentes na razão direta dos meus anos e na inversa das minhas forças. Persistiram, encarecendo a minha capacidade singular de trabalho. Não faltou senão dizerem-me²³, como o outro, que isso de ter descanso é bom para moços: “*C'est bon pour les jeunes gens, le repos.*” Mas, se o não disseram, é o que sentiam. Com a medicina não se briga²⁴. Calei, obedeci, e aqui estou.

Não sou eu, pois, o que hei de ser julgado e condenado pelas audácias desta submissão²⁵ a uma contingência de força maior. São os amáveis algozes da minha incompetência que a trazem, vencida e rendida, a esta exibição do seu arrojo e fraqueza. Liquidai com eles a culpa, e relevai-me da pena.

A época do nascimento

Mereceu Osvaldo Cruz à Providência a graça de nascer numa época, em que a medicina, passando pela maior das suas revoluções, tomara uma direção, a que o ajustavam de modo extraordinário as suas qualidades nativas, terreno admirável para a germinação e desenvolvimento ulterior das qualidades adquiridas, que com aquelas se haviam de entretecer²⁶ em tão fecunda harmonia.

À obra de Cláudio Bernard, com quem a medicina²⁷ se tornou fisiológica, e experimental a fisiologia, começava a suceder a obra pastoreana. A *Introdução à Medicina Experimental*, evangelho da renovação desses estudos, abriu o pórtico imenso, por onde se viu entrar o gênio da experimentação, que encarnou em Pasteur, e deu o nome deste à nova era²⁸.

Pasteur

Pasteur encontra o mundo científico dominado pela teoria de Liebig, reinante desde 1839. Segundo ela, as fermentações não seriam mais do que fenômenos meramente químicos, relações²⁹ lentas entre certas matérias orgânicas³⁰ e o oxigênio do ar. Mas Pasteur estabelece experimentalmente uma concepção oposta, introduzindo nesse domínio a noção da vida.

Aos olhos da nova interpretação, estribada na evidência experimental, revela-se o fermento uma entidade viva, de natureza vegetal ou animal, susceptível de se desenvolver num meio propício, sobre o qual quimicamente atua, mas como ser vivente, segundo as ações químicas de que, por sua vez, é objeto, operando, assim, o fenômeno, a um tempo químico e biológico, da fermentação.

Começa, destarte, a rasgar-se o véu, que até aí ocultara o papel incalculável, atribuído, na obra da criação, a esses germens microscópicos, disseminados, em variedades inumeráveis, por toda a natureza, e, juntamente, a sentir-se a extensão das conseqüências práticas ligadas a esse descobrimento. Conhecida a verdade acerca das fermentações, determina Pasteur³¹ imediatamente a maneira de as regular, de as acelerar, de as fixar em um dado ponto do seu curso, atalhando-se³² a corrupção ulterior. A indústria, na maturação dos vinhos e na produção das cervejas, estava renovada, e, deste modo, aumentada em proporções consideráveis

a riqueza das nações produtoras.

A doutrina pastoreana

Mas a doutrina pastoreana tem outros lances de vista. Já se está percebendo que não se circunscreve aos meios químicos a ação dos organismos microscópicos. Doenças há, em cujos sintomas se não pode negar a mais clara analogia com as fermentações; e esta semelhança guia o irresistível renovador à invenção da vida microbiana em todos os domínios da patologia animal.

Aí é que se tem de realizar a criação de Pasteur, verdadeira criação; porque, senhores, bem o disse, em expressões lapidares³³, um dos mais eminentes escritores franceses, e não haverá blasfêmia em o repetirmos, “Pasteur operou à semelhança do Criador³⁴, suscitando por um ato inicial as leis, donde havia de sair o desenvolvimento progressivo do Universo”³⁵. A diferença está em que o Criador as extraiu do caos para o regimento do mundo, e a criatura as desentranha da ignorância para benefício do homem. O Criador é o agente da sua mesma onnipotência e o sábio o instrumento do Criador.

Em 1847, quando o grande sucessor de Magendie e Cláudio Bernard começava a entremostrear as suas temerárias aspirações, houve quem dissesse, com os sobressaltos de uma sincera simpatia: “Pasteur não conhece os limites da ciência, e afeta os problemas insolúveis.”³⁶ Mas o tempo veio a desmentir os receios de Verdet, provando³⁷ que não havia esfinge capaz de resistir a esse Édipo. Diríeis que a natureza o elegera para confidente dos seus mais íntimos arcanos. “A glória o procura, sem que ele a vá buscar.”³⁸

Já era para contentar os mais ambiciosos a que Pasteur colhera, com os seus primeiros trabalhos, na química, arrancando-lhe um dos seus mistérios mais secretos, quando lhe descobriu a dissimetria molecular, ponto de inserção, na química orgânica, de um ramo inteiramente novo, a estereoquímica, destinado para logo aos mais preciosos resultados. Mas onde o aguardavam triunfos inauditos, era nessa estranha ciência do invisível, em que o microscópio, conduzido pelo senso experimental de um observador de gênio, ia descortinar, aos nossos olhos, incríveis surpresas e portentos assombrosos³⁹.

Não é que “esse novo reino da natureza”⁴⁰, de que Pasteur foi o descobridor⁴¹, não fosse, antes dele, pressentido e entrevisto por outros. Já no século IX houvera quem assimilasse a varíola a uma fermentação e, no século XVI, quem atribuísse à transmissão de corpúsculos a contaminação de certas doenças. Já Van Helmont, Sydenham e Bressy haviam tido lampejos da concepção microbiana. Já Rayer e Davaine, em 1851, tinham dado com a bacteríδια carbunculosa.

Mas todas essas intuições, que preludiaram às conquistas definitivas de Pasteur, estão, para com a teoria donde nasceu a medicina moderna e as suas experiências demonstrativas, como os vagos pressentimentos e os malogrados tentames dos precursores da invenção do nosso continente para com a inspiração de Colombo e a aparição da América à proa das suas naves.

Disso a que, vai por uns quarenta anos, se deu o nome de micróbios, havia, primeiro que Pasteur os estudasse, antevisões e prenoções. Mas mal se suspeitara o papel incomensurável, que eles desempenham na criação. “Há quarenta anos”, dizia, em 1877⁴², Gaston Paris, na Academia Francesa:

há quarenta anos não se considerava senão como objeto de curiosidade o mundo desses entes microscópicos, dotados de uma vida puramente elementar. Hoje ele se nos representa como o substrato e a condição de todo o mundo animado, como o oceano sem fundo, donde sai e aonde volve toda a vida. Aos micróbios se devem as fermentações e putrefações, que transformam a matéria orgânica. São eles os que fertilizam o solo, e permitem aos vegetais cobrir-lhe a superfície, eles os que, invadindo os tecidos, geram as doenças contagiosas. Povoam o ar, enchem as águas, saturam o chão, habitam os animais e plantas, envolvem-nos a nós, e nos servem, e de toda a parte nos ameaçam. Que digo? Nós mesmos não somos senão eles.

Um Novo Mundo

Todo esse mundo, até então ignoto, emerge, como por encanto, numa série triunfal de hipóteses imediatamente verificadas, ao contacto da vara desse mágico da experimentação: o mundo infinitamente mínimo,

dos micróbios e parasitas, das toxinas e antitoxinas, das vacinas e soros, dos fermentos e anticorpos, que, há cinqüenta e tantos anos, não cessa de crescer, rasgando à humanidade inesperados horizontes.

Nos seus passos iniciais, o conhecimento das maravilhas que a microbiologia entrou a revelar-lhe, começa por eliminar para sempre o erro da geração espontânea. Embora aparentemente primitivos, esses organismos rudimentares não existem senão por descendência de outros organismos, seus germens, seus ascendentes. Tão em todo extremo são mínimos eles⁴³, que só aos milhares encheriam o lugar de uma ponta de agulha, tão prolíficos que, em horas, pululam aos milhões e milhares de milhões.

Pasteur começou, mostrando como se podem semear nas culturas de laboratório, à semelhança dos grãos de fermento nos sulcos do arado, esses germens invisíveis, em cada um dos quais se encerra, como a espiga e a seara na semente, um poder incalculável de reprodução, desorganização e morte. Depois, em 1863, a experimentação pastoreana, lhes demonstra a onnipresença em todo o campo da observação humana: no ar, nos corpos animados ou inanimados, no fundo e à tona de tudo. E, daí avante, os gloriosos achados se sucedem numa carreira vertiginosa.

Em 1865 é o micrococo da cólera⁴⁴ das galinhas, aeróbio de virulência tal, que, para matar o animal inoculado, basta um centésimo de milésimo de uma gota do caldo, onde se encerra, uma picada de agulha embebida no líquido fertilizado. Em 1867 é o microorganismo, de cuja pululação resulta a doença do bicho-de-seda, epidemia animal de conseqüências arruinadoras, que se aprendeu então a extinguir, discernindo-se-lhe a origem. De 1877 a 1881 é a demonstração, estritamente científica, do papel patogênico dos micróbios, coroada pelas experiências sobre o bacilo do antraz.

A Patologia Geral

A gota de sangue carbunculoso, com que o imortal experimentador as realiza, veio salvar a nossa espécie de males tremendos, pondo a patologia animal ao serviço da patologia humana, e criando essa patologia geral, que, do seu estado até então inconsistente e nebuloso, passou à situação de ciência solidamente estabelecida em bases experimentais.

Nessa maravilhosa série de revelações as experiências fundamentais são as que, encerrando-se no terreno de uma doença das galináceas e de uma

doença do gado⁴⁵, alcançaram verdades e instituíram princípios, onde hoje se depara ao gênero humano um dos seus maiores tesouros⁴⁶. Estudando o parasito da cólera das galinhas, descobre Pasteur que esse micróbio vai diminuindo em virulência, com o atravessar de culturas sucessivas, que se atenua, envelhecendo, e que o vírus atenuado adquire a propriedade maravilhosa de tornar refratário o animal inoculado. E aí estão as noções essenciais, renovadoras, a atenuação da virulência, a vacinação e a imunidade, que senhoreiam, atualmente, a patologia geral, e donde vão resultar, dia a dia, novos assombros.

A nova ciência corre a passos agigantados, generalizando, por meio de revelações sucessivas, a evidência de que, na medicina ou na cirurgia, “a doença é o parasitismo”. Pasteur encarna em si a glória⁴⁷ suprema nesta renovação. Dele emana, como disse Richet, toda a ciência médica de hoje, do mesmo modo como a fisiologia e a química emanaram de Lavoisier.

A escola de Pasteur

Mas a epopéia pastoreana já não é somente Pasteur: é a sua doutrina em evolução, é a sua escola em atividade, são os seus discípulos, que o gênio do mestre, as suas lições, a sua disciplina fecundam, animam, entusiasma. É ele, ainda, quem, depois da vacina contra a raiva, encontra⁴⁸ o micróbio da septicemia. Já a terrível difteria patenteou o seu mistério sinistro. Já se não ignora a patogenia da peste e da febre amarela, da cólera e do impaludismo. Mas tudo são transformações, adaptações ou desenvolvimentos da idéia do grande originador, suas leis, sua influência, seu ensino, seus processos técnicos, generalizados hoje na medicina, cirurgia e higiene.

Daí procederam as conquistas capitais da ciência médica no século de Pasteur. Dele deriva a revolução, com que Lister, desde 1867, transforma a cirurgia. Dele a seroterapia, cuja lei de patologia geral e terapêutica experimental, devida a Carlos Richet, se tem reiteradamente consolidado na luta vitoriosa contra a difteria, contra o tétano, contra a peste. Dele o método precioso das vacinações, preventivas ou curativas, assinalado pela sua ação, ora imunizante, ora medicatriz, contra o tifo e a cólera-morbo.

A Idéia conduz o mundo

Não era médico, e criou a nova medicina. Também cirurgião não era, e revolucionou a cirurgia. Tampouco se ocupou jamais com a obstetrícia, e milhares de famílias lhe devem a salvação de milhares de mães. Veterinário não foi, igualmente; e dele recebeu a veterinária as suas melhores conquistas. Nunca exerceu nem estudou a lavoira; e as idéias, que semeou, abriram os mais fecundos sulcos na agricultura moderna.

Toda essa obra colossal lhe saiu do laboratório, onde a sua solidão estudiosa, a golpes de experiências repetidas, triunfava da ignorância e incredulidade. O seu microscópio, as suas lâminas e os seus tubos, “fúteis aos olhos de inculcados homens⁴⁹ práticos”, “encerravam em si a solução de questões de um interesse muito maior do que todos esses problemas efêmeros, nos quais se absorve a atenção dos que supõem dirigir o mundo”. Nunca se demonstrou de um modo mais luminoso que é a idéia quem conduz tudo: a inteligência e a matéria, o bem e o mal, o homem e o destino humano.

Valores econômicos

Segundo um cálculo de Huxley há cerca de quarenta anos,

os descobrimentos de Pasteur, por si sós, chegariam, para cobrir os cinco bilhões do resgate de guerra, embolsados à Alemanha pela França.⁵⁰

E, todavia, até então, se estava ainda no período, que se encerrou, de 1880 a 1881⁵¹, com os triunfos iniciais contra a cólera das galinhas e a bacterídia carbunculosa, primeiras aplicações da lei nova, segundo a qual o vírus atenuado, em vez de transmitir a morte, assegura a imunidade. Vede aonde iríamos ter, somente no campo dessas aplicações à sericultura, à avicultura e à indústria pecuária, se, calculando apenas as vantagens econômicas dessas primeiras conquistas pastoreanas, adicionássemos àquele período o do dobro do tempo decorrido até hoje e aos benefícios logrados pela França os obtidos no resto do mundo.

Novas conquistas experimentais

Mas as leis da patologia geral⁵² e da terapêutica experimental não só se desdobraram noutras leis, senão que, com rapidez, se dilataram, ainda, a um campo de ação imensamente maior⁵³, estendendo-se às mais graves doenças humanas. Não só se veio a liquidar que a qualidade patogênica dos micróbios está nos venenos por eles segregados; que as suas propriedades letais residem nas toxinas; que as mortes de origem microbiana são mortes por intoxicação; não só se chegou a conhecer que certos vírus fatais, depois de inoculados nos corpos vivos, se neutralizam com a inoculação dos mesmos vírus, mitigados em condições especiais; que essa atenuação, só alcançada, no começo, por meio do ar ou do calor, se obtém, noutras doenças, mediante a injeção dos líquidos contaminados no tecido nervoso de certos animais; que, destarte, em tais casos, a evolução da moléstia atenuada, mais prestes que a da moléstia mortal, a previne, e anula; não só se acrescentaram aos novos tesoiros⁵⁴ do saber médico essas verificações capitais, inesgotáveis em resultados ulteriores, mas ainda se acrescentou ao rol dos males vencidos pela nova medicina uma série de conquistas portentosas.

A medicação, preventiva ou terapêutica, de origem pastoreana, subjugou a raiva, o tétano, a meningite cérebro-espinal, e, entrando, com energia heróica⁵⁵, ao domínio das contações assoladoras, deu à ciência o poder ultra-humano de varrer grandes regiões terrestres das endemias, que as desgraçavam, e abortar à nascença as mais terríveis epidemias.

Epidemias e guerras

Os estragos dessas invasões exterminadoras transcendiam, a perder de vista, os estragos da guerra. “Que são vinte batalhas”, pergunta Littré,

que vêm a montar vinte anos da mais encarniçada guerra, comparados às desolações, que se causam desses flagelos imensos? A cólera-morbo deu morte a tantos homens⁵⁶ quanto todas as guerras da revolução; narra-se que a peste negra, no século décimo quarto, roubou 25 milhões de indivíduos só à Europa. Simão de Covino, testemunha do que descreve, assegura que dessa calamidade apenas escaparam um terço dos habitantes, nos lugares por ela visitados. O número dos sepultados excede o dos sobreviventes. Lugares há, em França, nos quais, de vinte, mal se salvam duas pessoas. No Hotel Dieu expiram

quinientos doentes por dia. O Papa, em Avinhão, benze as águas do Ródano, para servirem de sepulcrário aos corpos, que nos cemitérios já não cabem. Paris regista cinqüenta, Londres cem mil óbitos. A Itália perde metade da sua população, e dos 105 milhões de almas, que viviam na Europa, 25 milhões, pelo menos, desaparecem. É ainda a mesma fúria espantosa, que, séculos antes, sob o reinado de Justiniano, se diz haver arrebatado ao gênero humano cem milhões de vidas.⁵⁷

Pandemias

O nosso século já não conhece a antiga violência dessas pandemias monstruosas. Mas a sua revivescência não seria impossível, se, presentemente, a ciência não dispusesse, para as conter, debelar ou prevenir totalmente, dos recursos maravilhosos, que ao mundo contemporâneo deu a revolução iniciada⁵⁸ pelo gênio de Pasteur na etiologia e terapêutica⁵⁹ das doenças de contágio e infecção.

As nossas epidemias

Ainda existem, porém, contágios de ação pavorosa e moléstias despovoadoras, entre as quais sobressaem as que, antes de Osvaldo Cruz, nos dizimavam, empobreciam, e infamavam, sem esperança de remédio capaz.

Doenças da guerra

Mas os benefícios, da orientação⁶⁰ dada à medicina e à cirurgia pelos princípios, que Pasteur estabeleceu, e pela escola, que fundou, não se limitaram a desarmar os grandes flagelos naturais: desarmaram, também, o grande flagelo da maldade humana, o flagelo dos flagelos, desarmaram a guerra de metade, talvez, dos seus inenarráveis horrores.

Pelas moléstias de que é mãe ou nutriz, a guerra foicava mais vidas humanas do que as que juncam os campos de batalha, e a purulência dos ferimentos militares condenava à morte, as mais vezes, os que a não recebiam logo das armas inimigas. No cerco de Sebastopol, durante os derradeiros meses⁶¹ de 1855, notabilizados pelas ações mais decisivas do assédio, o exército francês teve 21.957 feridos, ao passo que o número dos

acometidos de febre ascendeu a 101.128. Durante a guerra sul-africana perdeu o exército inglês, em vítimas de doenças acuteláveis, entre as quais, sobre todas, a febre tifóide, o dobro do número, em que o desfalcaram as baixas ocorridas nos combates. Na guerra dos Estados Unidos com a Espanha essa moléstia abateu vinte mil homens; o que montava um sexto das forças americanas. Daí a noção, já há muito⁶² comezinha entre os médicos, de que as doenças matavam muito mais gente, nas expedições militares, do que o fogo e o ferro do inimigo⁶³. Daí o velho ditado inglês de que a doença, e não a guerra, é o coveiro dos soldados: “*Disease, not battle, digs the soldier’s grave.*”

Guerra e medicina

Mas, depois que a medicina preventiva e a higiene transformada sanearam os acampamentos e imunizaram com as inoculações preservativas o organismo dos combatentes, a guerra já não tem, nas infecções que dantes com ela se multiplicavam, as formidáveis colaboradoras, cuja contribuição duplicava a colheita da morte.

As medidas sanitárias adotadas pela administração japonesa, de 1886 a 1893, chegaram a varrer inteiramente dos seus navios de guerra o beribéri, que, antes disso, reduzia a cinqüenta por cento a capacidade ativa dos seus marinheiros; de sorte que, na luta do Japão com a Rússia, não se deu nem um caso dessa temível infecção, entre os 25 mil homens que lhe tripulavam as esquadras, e, naquela extraordinária campanha, as mortes provenientes de enfermidades baixaram a um quarto das resultantes dos instrumentos de guerra.

Na campanha atual, a mais medonha de toda a história, a mortandade por doenças, nos exércitos da Grã-Bretanha, da França e da Alemanha, desceu a proporções menores, sem comparação, do que na mais benigna das guerras⁶⁴ anteriores; e o método preventivo das inoculações contra o tifo banuiu quase de todo essa moléstia devastadora dentre as forças beligerantes, onde o soldado se sujeita com rigor à disciplina da higiene.

A nova ciência e a cirurgia

Ao mesmo tempo, a cirurgia se revoluciona sob a influência das

demonstrações de Pasteur, cujo tino infalível opõe as suas pesquisas acerca do vibrião séptico às idéias⁶⁵ vulgares sobre a patogenia da infecção purulenta.

Mas, já antes, Lister, inspirando-se nas doutrinas do mestre dos mestres, ia buscar a origem dos estados inflamatórios, putrescentes e febris, devidos aos casos traumáticos da guerra, na presença de germens infecciosos, cuja existência se destrói⁶⁶ mediante os processos da mais rigorosa desinfecção.

Desde os seus primórdios este sistema opera maravilhas. Os primeiros anos de experiência habilitam o seu autor a consignar, de 1867 a 1869, a salvação de 85 per cento⁶⁷ na sua clínica de amputados. O asseio absoluto, a seqüestração do contacto com o ar, o emprego de germicidas cada vez mais seguros introduzem na cirurgia a antisepsia, e da antisepsia a levam à perfeição na assepsia.

Graças a ela, vão-se multiplicando sem dano as mais arrojadas tentativas operatórias; os instrumentos cirúrgicos devassam, sem receio, as mais recônditas vísceras do corpo humano, os seus mais delicados órgãos vitais; a purulência, com a inflamação e a febre, desaparecem dos hospitais de sangue, e, ao terminar o século XIX, há quem, sem exagero, possa dizer que o listerismo, adaptação do pastoreanismo à cirurgia, salvou⁶⁸, em vidas humanas, nos cinco ou seis lustros anteriores, número maior do que o das arrebatadas pela guerra em toda aquela centena de anos.

Mas não é só no conflito das armas e ao fragor dos canhões que o gênero humano se utiliza dessas bençãos. Cada mãe que transpõe ilesa os riscos do puerpério, depois de render as graças a Deus, lhe dirigiria uma oração por esses benfeitores ignorados, se soubesse quanto lhes deve⁶⁹. Eles emanciparam da morte a maternidade. As casas a esta consagradas eram, outrora, devastadas pelas infecções puerperais. Pasteur descobriu a procedência dessas contaminações funestas, identificando o micróbio, que as determina, e, mercê desse invento, um sistema de cautelas protetoras, moldadas nas leis da medicina preventiva, acabou para sempre com esses desposórios sinistros do nascimento com a morte.

Oswaldo e a era de Pasteur

Nascendo em 1872, abriu os olhos Oswaldo Cruz⁷⁰, por feliz coincidência, ao alvorecer da era de Pasteur, quando, no oriente do pensamento humano, sobre as alturas luminosas da França, assomava esse astro de

imensurável grandeza, cujo signo ainda não cessou, nem cessará de presidir aos destinos da medicina; porque foi pela sua iniciativa, ou debaixo da sua influência, que se acharam as leis da observação experimental adaptadas à ciência das lesões da vida orgânica, seu caráter, sua origem, seus remédios, e esta aliança cabal da observação com a experiência é o estado normal e definitivo no conhecimento das verdades naturais.

Primeiros passos de Osvaldo Cruz

Votado à medicina, que já era a profissão de seu pai, e em que se laureou doutor, ultimando, precisamente aos vinte anos de idade, o curso médico na Faculdade do Rio de Janeiro, a sua tese inaugural sobre “A Veiculação Microbiana pelas Águas”, trabalho notado com distinção pelos competentes, começa a dar a ver a propensão das simpatias intelectuais do jovem médico para a microbiologia.

Já então o papel patogênico dos micróbios está cientificamente averiguado pelas experiências de Pasteur, que desde 1877 o deixaram absolutamente demonstrado; e de ano em ano se alarga o âmbito desses estudos com progressos cada vez mais deslumbrantes.

Natural era que para aí se sentisse atraído o nosso futuro⁷¹ “reformador da medicina nacional”, cujo pendore neste sentido entrara a revelar-se desde os bancos da academia, onde, servindo como ajudante de interno de preparador no Instituto de Higiene, deu à estampa o seu primeiro tentamen científico, estudando, no *Brasil Médico*, “Um micróbio das águas putrefactas encontrado nas águas de abastecimento da nossa cidade”.

Extinto, um ano após a sua graduação médica, o Instituto de Higiene, a vocação, nascente, mas já notável, do jovem bacteriologista o leva a estabelecer à sua custa um esboço de laboratório, onde se entregue às lucubrações, que o absorvem, e principiam a lhe caracterizar a individualidade científica aos olhos dos seus colegas.

O meio, porém, não bastava à cultura das suas grandes faculdades em um ramo de estudos até então entre nós escassamente explorados. O seu grande centro de atração estava em Paris, entre a plêiade dos brilhantes investigadores⁷² suscitados pelas lições de Pasteur e por obra do seu espírito criador reunidos na instituição que primeiro dele recebeu o nome.

Ali vai o novo aluno, ainda mal iniciado nos arcanos da grande ciên-

cia, desalterar a sede na matriz, que o mestre animara com o seu contacto, e deixara imortalizada pela herança⁷³ da sua tradição. Durante mais de três anos, de 1896 a 1899, a sua vida mergulha no Instituto Pasteur, onde esse demorado tirocínio na companhia dos sucessores imediatos do excelso iniciador da nova medicina lhe retempera⁷⁴ as qualidades nativas na austera disciplina daquele núcleo de altas investigações experimentais; e dali regressa, documentando a proficiência adquirida com a sua memória sobre as alterações histológicas num gênero de envenenamento ainda não estudado a esse aspecto; produção essa já de valor considerável, que lhe abriu as portas da nossa Academia Nacional de Medicina.

Osvaldo e a peste

No mesmo ano da sua volta ao Brasil começa o país a utilizar os trabalhos do consumado bacteriologista, em quem a madureza⁷⁵ do saber⁷⁶ tanto precede à dos anos. Já o seu nome entra⁷⁷ a chamar a atenção do Governo brasileiro, que o incumbe de ir estudar, em Santos, a peste, ali declarada, a traçar o plano⁷⁸ de combate à formidável epidemia, cujos terrores principiam então a nos ameaçar. Osvaldo Cruz reconhece para logo o micróbio de Yersin, certifica a presença da epidemia, e, num relatório cabal, com o desembaraço, a presteza, a segurança de quem pisa em terreno conhecido, formula o sistema de providências, a que deve obedecer a debelação da temerosa enfermidade.

Mas a sua capacidade vai ser posta à prova em teatro maior. A peste, que em 1899 nos entrara o território por Santos, já em 1900 lavra nesta cidade. Vai-se criar, no Rio de Janeiro, o Instituto Soroterápico, e a Diretoria de Higiene, cometida, nesse tempo⁷⁹, ao Barão de Pedro Afonso, necessita de um profissional, a quem se entregue missão tão árdua quanto a de nacionalizar entre nós os métodos e processos da medicina pastoreana, encetando a produção, no Brasil, do soro contra a peste.

Osvaldo e o Instituto Pasteur

Não se acredita então que se possa⁸⁰ encontrar o homem abalizado para inaugurar aqui essa melindrosa especialidade, senão no próprio Instituto Pasteur. Quem o dirige, é Emílio Roux, o auxiliar de Pasteur nos estudos sobre a etiologia e a vacina do carbúnculo, sobre a atenuação dos

vírus, sobre a profilaxia da raiva, o descobridor, com Behring, do soro antidiftérico⁸¹, o colaborador inesgotável de Metchnikov, de Vaillard, de Borrel e tantos outros em trabalhos magistrais sobre a toxina do bacilo *virgolla* e o soro contra a cólera, sobre a seroterapia tetânica, sobre as injeções intracerebrais contra o tétano. Que especialista nos indicará essa autoridade tantas vezes consagrada? Escutai-lhe a resposta: “Entre o pessoal técnico que tenho a honra de dirigir”, diz Emílio Roux,

ninguém possui maior competência do que o Dr. Osvaldo Cruz, cuja capacidade e idoneidade científicas pessoalmente conheci, durante o tempo em que lidou no nosso Instituto.

O Instituto Bacteriológico

Está Osvaldo Cruz, pois, nomeado para fundar e reger o nosso instituto bacteriológico, nomeado aos 28 anos de idade, e nomeado pelo Instituto Pasteur, por Emílio Roux, em quem delegáramos⁸² a incumbência de o designar. O encargo não podia ser mais grave: erigir uma construção exótica em chão de areia nua e rasa. Nem cooperadores a que recorrer, nem elementos de que se utilizar. Cultores da bacteriologia, ou das ciências a ela anexas, quase não os tínhamos. Curiosos ou diletantes haveria no assunto; mas quem deveras o conhecesse, não. Força era, destarte, que de si mesmo extraísse tudo: a instalação material, a direção técnica, a educação do pessoal. Esta, sobre todas, a mais embaraçosa parte da sua tarefa, a criação de todos os seus auxiliares, o iniciá-los, adestrá-los, consumá-los nos variados misteres de uma instituição como aquela⁸³, bem se avaliará quanto lhe vai custar.

Todo esse cargo, entretanto, esse peso todo, ele o tem, e não verga. Os colaboradores, de que necessitava, do seio lhe vão saindo cabais no ofício delicado. Respiraram a sua ciência, a sua devoção, o seu entusiasmo. Abrasaram-se no contágio da sua energia, do seu desinteresse, da sua tenacidade. Já com ele se parecem. Já o refletem. Já o completam. Poder maravilhoso do mérito, quando os homens o não esbulham do lugar, a que a Providência o destinava⁸⁴. Louvado sejais vós, Senhor, por terdes logrado, em caso tão grave, que tão estranho fenômeno se visse no Brasil!

Desde a sua estréia o novo estabelecimento se assinala como um órgão de acentuado progresso. Não se limita a manipular satisfatoriamente os

produtos conhecidos⁸⁵. O seu soro pestífugo desenvolve o mais enérgico poder curativo, rivalizando com os melhores do mundo.

Combate contra a peste

Aqui e em várias outras cidades brasileiras a intensidade epidêmica era então assustadora. A proporção dos mortos para com os doentes se elevava até a setenta per cento⁸⁶. O hospital da Jurujuba, onde se internavam os acometidos, recebia, quotidianamente, trinta a quarenta enfermos em gravíssimo estado, e, desses, raríssimos se salvavam. Entra em ação o soro, dobrando-lhe a força o processo clínico da sua aplicação, modificado por Osvaldo, com as enérgicas inoculações endovenosas desse produto, por ele introduzidas na prática hospitalar⁸⁷. Logo após, a mortandade cai de 60 per cento⁸⁸ a 10 e 12. Desce, assim, a um sexto da sua crueza anterior: resto este que⁸⁹, representando os doentes, a quem se acudia tarde, teria de todo o ponto desaparecido, se a medicação os socorresse a tempo.

Nunca se viu improvisação de êxito mais decisivo. O serviço que se monta quase de um repente, desenvolve eficácia inesperada. As modificações introduzidas pela técnica alemã na vacina de Haffkine recebem agora, vitoriosamente, a sua primeira aplicação. O soro de Yersin, redobrando em vigor mediante o recurso às doses maciças por via intravenosa, arrebatava à morte os casos mais desesperados. Tudo obra do arrojo de uma consciência⁹⁰ segura do seu saber e inabalável no seu querer.

A desratização

A profilaxia contra os germens fatais estende sistematicamente as suas operações rigorosas. O piso térreo dos prédios se impermeabiliza. Os aparelhos saneadores desinçam da pragaria das cevandijas os esgotos, os canos d'água, os vãos inacessíveis das casas. Em terra e no mar, dos porões e das galerias pluviais se rechaça e extermina a rataria, perseguida a cosso em toda a parte.

Não há nada mais nobre do que a ciência, nada mais vil do que o rato. Mas há vilezas capazes de acarretar horrores.

Essa⁹¹ é das que mais nos repugnam. Mas, com ser uma rasteira e abjecta família⁹², cobre todo o globo⁹³, e, em mais de oitenta gêneros e novecentas espécies, enxameia pelo mundo. Viveu este a desprezá-la

sempre. Eis senão quando nos vêm as provas científicas de que⁹⁴ não a devíamos ter em desdém e nojo, mas em medo e inimizade irreconciliável. Dessa *pestis inguinaris*, que, emergindo, no meio da civilização caldaica, entre o Tigre e o Eufrates, tem atravessado, até agora, debaixo de tantos nomes, todas as épocas, percorrendo todos os climas e todos os continentes, estampando a sua medonha passagem nas letras de todos os tempos, desde Tucídides até Bocácio, desde Bocácio até Manzoni, tragando vidas humanas às dezenas de milhões, – das excursões dessa eterna e tenebrosa matadora chegou⁹⁵ o homem, finalmente, a saber que os mensageiros e veículos são esses vilíssimos roedores, objeto ordinário da nossa indiferença, ou do nosso asco. Estava reservado ao nosso tempo reconhecer-lhes esta dignidade⁹⁶ infernal, e contra eles pregar a cruzada científica da higiene. A *desratização* passou a ser um programa. Com a necessidade veio o neologismo, criação de Osvaldo Cruz, e, ao mesmo tempo, a reação, que esse nome designava.

Então se viu que a ciência está sobranceira em poder a todos os demais poderes, inclusive o dessa espécie roaz, ralé inumerável, com que ainda se não encontrara adversário capaz de se medir. Bom era que o exemplo valesse, e o mundo se comesçasse um dia, deveras, a derratizar, noutras paragens, onde a raça insaciável dos murídeos, em gêneros e espécies ainda por classificar, não medra menos vasta nem menos valentemente. Seria preciso extinguir, não só a peste, que se acaba, derratizando-se os esgotos, mas também a que se eliminará, quando se derratizarem as sociedades, as repúblicas e as nações contaminadas. O mesmo Hércules, porém, talvez se não atrevesse a tanto, e Osvaldo Cruz, atrevendo-se ao a que se atreveu, não se abalançou a pouco.

A epidemia trágica

Lembrai-vos do horror, que entre nós se generalizou com a aparição da peste indiana. Da minha memória não se desluzirá jamais o quadro trágico da morte de Francisco de Castro e o terror, que envolveu esta cidade, à notícia de que o oráculo da nossa medicina caíra fulminado pela tenebrosa doença. Diríeis que o horrendo mal, para retransir a todos com a impressão do seu poder irresistível, deixara cair o raio funesto sobre o mais sagrado cimo da ciência brasileira.

Temia-se, não sem razão, que a hóspeda truculenta nunca mais se

desquitasse do solo brasileiro. A tendência, nela habitual, de assentar vivenda, onde uma vez acampou⁹⁷, autorizava o receio de vermos perpetuada a sua odiosa visita e seriamente agravado o mau nome do Brasil com a nacionalização de mais uma doença, das piores que o homem conhece.

O vencedor da peste

Graças a Osvaldo Cruz, removemos esse perigo, vencemos o mais sinistro dos contágios pestilentos, e o Brasil não se inscreveu no rol dos países pesteados. Para encher uma vida, não se ambicionaria maior colheita de bençãos e glória. Mas essa existência singular começava⁹⁸, transbordando já em honra⁹⁹ e benefícios inolvidáveis.

A febre amarela

Outros, ainda maiores, lhe estava reservado por Deus espalhar entre os seus semelhantes, e prodigalizar à sua terra. Na campanha contra a peste era de rebater um assalto que se tratava. Outro cometimento ia seguir-se a esse¹⁰⁰, em que tínhamos, não de nos opor¹⁰¹ ao esboço de uma invasão, mas de reagir contra uma conquista consumada: o domínio do Brasil pela febre amarela.

Endemia com surtos epidêmicos quase periodicamente renovados, ou epidemia periódica tendente a estabilizar-se com a perenidade regular das endemias¹⁰², como quer que se considere (e os autores divergem), reinava esse flagelo sobre nós, extorquindo-nos todos os anos um tributo considerável de vidas, exacerbando-se de quando em quando em vastas erupções, e representando ao longe as maravilhas da nossa natureza como traiçoeiros encantamentos, armados por uma pérfida Circe ao incauto estrangeiro.

Das praias africanas veio ao mundo a escravidão negra. Não se sabe se dali também procedeu a febre amarela¹⁰³. No século XV era ela quem, nas costas de São Domingos, fazia as honras da primeira hospedagem a Cristóvão Colombo, quando¹⁰⁴, ali desembarcando em 1493, perdeu a maior parte dos seus mareantes, levados pela¹⁰⁵ que hoje se considera “a mais terrível das doenças epidêmicas do nosso tempo”. Já então senho-reava ela o Golfo do México e as grandes Antilhas, que, ainda hoje, comparam, com o Golfo de Guiné, a Serra Leoa, o Senegal, a triste distinção

de entre si disputarem o título de berço de flagelo¹⁰⁶, e constituírem os focos permanentes da sua irradiação perniciosa.

Os nossos médicos contestavam que ele tivesse entre nós a continuidade característica das verdadeiras endemias, e por este sentir estão¹⁰⁷ não poucas autoridades estrangeiras. Outra opinião, porém, adotada por competências não somenos, pretende que a febre amarela reinava com endemicidade nas costas do Brasil, donde amiúde se propagava epidemicamente às nações convizinhas.

País de febre amarela

Como quer que seja, embora o Brasil não estivesse na região xantogênica, circunscrita, ao que parece, no litoral das águas antilianas, entre as costas meridionais da América do Norte e as costas setentrionais da América do Sul, o facto é que, irrompendo entre nós desde 1849, o vômito negro nunca mais deixou de manchar com a sua nódoa atroz esta parte do continente americano. Nos mapas organizados em 1877 pelo Dr. Gama Lobo a estatística assinala, ano por ano, durante os 28 anteriores, a presença incessante da invasão, que, num espaço de 57, até 1908, só nesta cidade matou 59.069 pessoas, roubando-nos, anualmente, aqui só, mais de mil vidas. Calculem-se, agora, as centenas de milhares, devoradas no resto do país.

É um mal, de que só a raça negra logra imunidade¹⁰⁸, raro desmentida apenas no curso das mais violentas epidemias, e em cujo obituário, nos centros onde avultava a imigração européia, a contribuição das colônias estrangeiras subia a 92 por cento¹⁰⁹ sobre o total dos mortos. Conservadora do elemento africano, exterminadora do elemento europeu, a praga amarela, negreira e xenófoba, atacava a existência da nação na sua medula, na seiva regeneratriz do bom sangue ariano, com que a corrente imigratória nos vem depurar as veias da mestiçagem primitiva, e nos dava, aos olhos do mundo civilizado, os ares de um matadouro da raça branca.

Mas não é só aos nossos hóspedes que ela ameaça; não são eles sós os que dizima. Por várias vezes, em 1857 e 1858, em 1860, em 1864, em 1869, o Brasil a transmite a Portugal; e, na América, declaram os higienistas que ele pode vir a converter-se em foco de contaminação para o Rio da Prata, para o litoral do Pacífico, até para as Antilhas, além de a projetar, através do Atlântico, ora à costa ocidental africana, ora aos portos da

Europa. Dorme às vezes, tem períodos, mais ou menos largos, de calma, renascendo, porém, após essas remissões¹¹⁰, intensa e brava. E quem sabe de que violência não seria susceptível, nalguma¹¹¹ das suas erupções inesperadas, se na Europa mesma, em climas não tão propícios ao seu desenvolvimento, epidemias suas houve assoladoras, como a do começo do século XIX, que só na Espanha matou mais de 140 mil pessoas?

Já não há como escondermos o estigma desastroso, a sua perpetuidade, a sua irresgatibilidade. O convênio sanitário, negociado, sob a presidência Campos Sales, entre nós e a República Argentina, estipula as medidas, que, com o nosso consentimento, a devem assegurar¹¹², na estação quente, contra a infestação do contágio brasileiro. A nossa Academia de Medicina protesta; os nossos médicos se insurgem. Mas a patriótica indignação não oculta a verdade. O mundo vê no Brasil *um país de febre amarela*. O Governo brasileiro o confessa. A medicina brasileira não o pode negar. “*Se decia que ir a Rio de Janeiro era suicidarse*”: é o nosso cônsul no Uruguai que, agora mesmo, o atesta. Da etiopatogenia do mal ainda nada se sabe. A profilaxia oficial debate-se quase toda na rotina das quarentenas e desinfecções. Tudo, ou quase tudo são paliativos¹¹³, recursos ilusórios do antigo empirismo. Ninguém acredita na extirpação, pela qual todos anseiam desesperados.

Quem é este Oswaldo?

Mas aí vem, com a presidência Rodrigues Alves, inaugurada em novembro de 1902, uma administração, que, entre os objetos capitais do seu programa, encarece o saneamento do Rio de Janeiro. O Ministro do Interior, o Dr. Joaquim Seabra, à cata de um diretor para a saúde pública, oferece o cargo ao Dr. Sales Guerra, que o não aceita, e tem a inspiração de indicar Oswaldo Cruz. O ministro o não conhecia. – “Quem é este Oswaldo Cruz?” Não era difícil mostrar-lho. As informações, de tão autorizada origem, convencem o ministro, que, por sua vez, submete a proposta ao chefe do Estado. Nova pergunta. Ele também o desconhece.¹¹⁴ – “Mas quem vem a ser este Oswaldo Cruz?” O seu secretário lho diz, e o presidente acolhe, convencido, o nome proposto.

Não vos admireis de que os nossos homens de ciência nem sempre sejam conhecidos aos nossos homens de Estado. “Quem é Cuvier?” contam haver perguntado Luís Filipe, quando lhe deram notícia da morte

do célebre naturalista, cujo gênio criara a anatomia comparada e a paleontologia. “Monsieur Cuvier?”, respondeu o cortesão de Sua Majestade. “Creio que é um desses¹¹⁵ senhores empregados no Jardim das Plantas.” Napoleão III dizem que também perguntou quem era Claude Bernard, quando um professor alemão lhe solicitava a honra de ser apresentado ao grande médico francês. “Claude, Bernard?¹¹⁶ Quem é Claude Bernard?” – “É”, responderam-lhe, “é o sábio mais eminente nos domínios de Vossa Majestade.”

Oswaldo Cruz não era Cuvier, nem Claude Bernard. Mas já merecera a menção honrosa de Emílio Roux, e carregava os troféus da luta vitoriosa contra a peste indiana. Foi, provavelmente, com estes documentos que o seu colega persuadiu o ministro, e o ministro o presidente de que esse era o homem da oportunidade.

Esse homem tinha o senso da sua vocação, e esta lhe não consentiu hesitar. Aceitou a comissão, e se comprometeu, se lhe facultassem as medidas necessárias, a extinguir a febre amarela, no Rio de Janeiro, em três anos. O de 1903, em que se estipulou esse pacto, deve inscrever-se em caracteres imortais na história do Brasil¹¹⁷ como um dos mais áureos fastos desta nacionalidade.

Predestinação

Decididamente uma espécie de predestinação acompanha esta existência privilegiada. Pela segunda vez, na carreira de Oswaldo Cruz, se desmentem os nossos hábitos administrativos e governativos, provendo-se num cargo relevante do Estado, não a mediocridade apadrinhada, mas o merecimento notável. Em terra onde, nos governos, o cumprimento dos deveres elementares assume grandezas de verdadeiro heroísmo, não há medir louvores ao ministro e ao presidente, que, de modo tão extraordinário, souberam acertar em ocasião de tão rara gravidade. Quando mesmo no resto da sua administração não houvera senão erros, o preço deste serviço e suas conseqüências os descontaria todos, ainda com margem.

O compromisso

Inspirava-se o arrojo de Oswaldo Cruz, precisando termo tão breve à conclusão da sua tarefa, no exemplo da vitória, que logrou, contra o

mesmo flagelo, na ilha de Cuba, a higiene americana, durante a primeira intervenção dos Estados Unidos. Ele mesmo o declara, quando, no ano inicial¹¹⁸ do seu exercício, dando conta dos seus primeiros atos¹¹⁹ ao Ministério do Interior, lhe diz que resolvera imprimir¹²⁰ amplo desenvolvimento à profilaxia específica da febre amarela, acomodando este serviço à orientação adotada em Cuba pelos médicos americanos.

A extinção da febre amarela, dizia ele, nesse papel memorável, é questão¹²¹ “resolvida”. O problema está “posto em equação por experiências decisivas”. “A solução já foi obtida pelos americanos em Cuba”. Nada mais resta, senão seguir-lhes as pisadas “àqueles, que, em cerca de dois anos, extirparam dali uma epidemia, cujo açoitado, há muitos séculos, dizimava aquela população”. “Não se trata de um ensaio; não é uma experiência”; trata-se¹²² “de um facto consumado”, da “execução de um plano”, que, seguido outra vez, “dará, fatalmente, o mesmo resultado”. É “uma idéia vitoriosa”, que já passou “de hipótese” a “facto positivo”. “O que os americanos conseguiram, não há razão para que não consigamos.” Dêem-nos¹²³, pois, os recursos materiais: “dinheiro e leis, que garantam a execução das medidas”, e, necessariamente, iremos ter “ao mesmo fim”. Numa palavra:

A febre amarela cessará no Rio de Janeiro, desde que o Congresso forneça os meios, que dele dependem. Disponha o Governo do dinheiro e das leis que julga necessárias, e a febre amarela, no Rio, será, em breve, um mito.

Tal a fé inabalável e a segurança absoluta, com que Oswaldo advoga¹²⁴ o seu programa de administração, vazado em moldes exemplares¹²⁵, desde o momento do seu acesso ao temeroso posto, em março de 1903. É que não se trata de veleidades ou imposturas, ajeitadas, sem base, a uma improvisação aparatosa, mas de convicções robustas, maduras e definitivas.

Quando o chamaram, não lhe passava pela mente possibilidade tal. Mas o seu amor da ciência e da pátria não havia mister de outros incentivos, para que esses estudos o atraíssem e dominassem¹²⁶. Entre os seus colegas não era menos¹²⁷ inesperada a nomeação; mas isso porque não são atos dessa natureza, atos inspirados unicamente no bem público, os que, em geral, entre nós, se esperam dos governos. A classe médica já o

conhece, já o admira, já o designa como o especialista distinto, entre todos os nossos, no assunto. No seio dela uma corrente de simpatia lhe saúda a escolha. Não lhe é desconhecido o cultor apaixonado e indefesso¹²⁸ de um ramo da medicina tão exigente e severo nos seus requisitos, o austero trabalhador, que, desde a sua volta da Europa, abriu, com as portas do seu laboratório, rigorosamente montado, as da sua ciência solidamente aparelhada a quantos o buscam¹²⁹. Estes não são poucos; são todos os que aqui têm créditos de autoridade nessa bacteriologia, cuja ciência mal haurida então pelos outros nos livros, só ele bebeu e traz viva das grandes matrizes européias.

Muito antes de assumir a direção da saúde pública, já exercia Osvaldo uma propaganda¹³⁰ ardente das idéias da profilaxia americana, e lhe granjeava¹³¹ prosélitos entre os moços de então, hoje abalizados clínicos, ou mestres consumados, em cujas reminiscências vibra e reluz ainda o sulco da impressão daquelas convicções acendradas no foco interior de uma consciência acesa no lume da verdade e abrigada do erro pela solidez de uma disciplina severa.

Não é que entre os médicos brasileiros não se conhecessem as teses essenciais da experimentação havanesa: a proveniência microbiana da febre amarela; a incomunicabilidade imediata do seu germen entre homem e homem; a sua evolução em um organismo intermédio; a sua transmissão exclusiva por esse incubador e a residência específica desta função num inseto, o *stegomya fasciata*, o mosquito rajado.

Teoricamente, já não eram, talvez, de todo novidade essas noções. Praticamente, parece que elas haviam¹³², até certo ponto, atuado, nos últimos anos, em algumas providências da profilaxia administrativa, manietada, paralisada e esterilizada então, nas suas melhores intenções e nas suas resoluções melhores, pela dualidade, que a cindia em higiene federal e higiene municipal, condenando aquele serviço, pelas divergências, pelos conflitos, pelos antagonismos¹³³ daí resultantes, a uma verdadeira anarquia, de que deu cabo Osvaldo Cruz¹³⁴, consumando assim um dos mais inestimáveis melhoramentos da sua administração incomparável.

Mas ninguém aprofundara esses conhecimentos, que, teóricos, livrescos, indecisos¹³⁵ como se achavam, não podiam inspirar resoluções, nem determinar atos, e, não tendo recebido a devida têmpera na técnica escrupulosa, na sábia disciplina, na cultura experimental da nova escola, eram incapazes de modelar um plano de ação, organizar um sistema e

conduzir uma campanha. Esta precisava de assumir vida, precisava de *encarnar*, no mais estrito rigor da palavra, em um homem, todo ele feito dessa convicção e rigorosamente impulsado a realizá-la pela chama interior, pela indestrutível energia das vocações apostolares. Osvaldo Cruz era o eleito, que Deus saturara dessa energia, e que se sentia arder nessa chama, quando, senhor do problema em todos os seus elementos, em todas as suas soluções, anunciou com a mais categórica certeza a imediata abolição da febre amarela, pelo sistema com que a higiene americana a banira de Cuba.

A experiência de Cuba

Essa orientação, ali estabelecida e seguida, em 1901, sob a administração benfazeja do Governador Wood, estribava em três normas cardeais: extinguir os agentes veiculadores do vírus; prevenir contaminações ulteriores, insulando os doentes; preservar os sãos da infecção, propagada pelos seus transmissores. A execução dessas regras, encetada, em março de 1901, com as providências essenciais à sua observância rigorosa, deu em resultado não se assinalar mais, naquela ilha, desde esse ano, um só óbito da epidemia, que até ao começo dele a devastava.

As experiências do médico norte-americano Finlay e da expedição francesa cometida a Marchoux e Simond haviam determinado, por modo exato¹³⁶, o mecanismo de transmissão da febre amarela.

Antes disso Sanarelli, em Montevideú¹³⁷ e no Rio de Janeiro, havia insulado um bacilo¹³⁸ característico, que reproduzia, no conceito do sábio italiano, quando inoculado experimentalmente em animais, os sintomas¹³⁹ habituais e as lesões anatômicas da febre amarela¹⁴⁰. Verificações posteriores, porém, negaram¹⁴¹ àquele bacilo o papel específico, que lhe atribuíra o seu descobridor.¹⁴²

Mas o que, sobretudo, inundou¹⁴³ em luz a etiologia do tifo americano, foi descobrir-se o papel representado no desenvolvimento do gérmen e suas qualidades malignas pelo seu transmissor. É o que já se entrevira desde 1848, mas só acabou de se averiguar cerca de quarenta ou cinquenta anos mais tarde, após sucessivos estudos, nas Antilhas, em Vera Cruz, em São Paulo, no Rio de Janeiro, coroados, aqui, pelos de Marchoux, Salimbeni e Simond; chegando-se, então, à evidência de que um inseto hemófago, o *culex fasciatus*, incubando no seu próprio organismo¹⁴⁴ o

gérmen amarílico¹⁴⁵, o comunica do indivíduo doente ao indivíduo são, na plenitude e madureza da sua pernicioso atividade.

Essa teoria do mosquito, reputada hoje “uma das maiores conquistas da higiene prática nos tempos modernos”, é a que, no primeiro ano do século atual, guia a campanha das autoridades do serviço sanitário militar dos Estados Unidos, em Cuba, contra o *stegomya*. E de tal maneira esse rumo corresponde à verdade na ordem real na natureza¹⁴⁶, que, inaugurada a exterminação do perigoso inseto em fevereiro, logo em março¹⁴⁷, abril, maio a estatística regista apenas dois, três, quatro casos, expirando a febre, então, por uma vez, até hoje.

Os obstáculos

Oswaldo Cruz confiava tranqüilo na eloquência dessa experimentação capital, corroborada pela do Panamá. Mas aqui, numa imensa metrópole de cerca de um milhão de habitantes, onde a tenaz endemia enraizara a sua infecção havia sessenta anos, o empreendimento ia arrostar-se¹⁴⁸ com embaraços incomparavelmente maiores; tanto mais quanto, em Havana e na América Central, estava, real ou virtualmente, em ação a lei marcial, ao passo que, entre nós, as condições normais da legalidade e da justiça apenas deixavam às autoridades sanitárias um arbítrio limitado pelas garantias individuais.

Basta considerar na topografia desta cidade, com a sua aglomeração de montanhas e vales numa extensão de mais de mil e cem quilômetros, com os seus subúrbios enormes, com a sua viciosa construção, com a sua natureza tropical, e nos costumes da gente que a povoa, em certas camadas sociais, para medir o atrevimento da empreitada a prazo curto e certo, em que se empenha¹⁴⁹ o ousado higienista.

A tormenta

Foram *mares verdes*, como diziam os nossos antigos navegadores, e céus de tormenta assanhada os a que se aventurou o bravo domador da morte, o vencedor brilhante de uma peste, agora a caminho da vitória sobre outra. A reação dos interesses, ignorâncias e preconceitos não conhece limites. No país clássico da resignação e docilidade, no paraíso da servilidade e indiferença, ronca, desfeita, a procela em bravos estampidos, revolvendo

o povo, sacudindo o parlamento, abalando¹⁵⁰ o elemento militar.¹⁵¹

A lei a que está ligada a sorte do projeto de saneamento, combatida com indignação, desabrimento e fanatismo, cai no ódio das camadas menos cultas, indigitada¹⁵² aos rancores populares como o *Código de Torturas*.¹⁵³ Era um desses temporais da energia cívica, do amor às liberdades individuais, do zelo pela dignidade humana, que nas crises nacionais aqui sempre se invocam de balde, mas que, neste momento, por singular ironia das coisas, desencadeia os seus sopros regeneradores¹⁵⁴ contra o saneamento científico da cidade.

O caso era de esmorecer os espíritos mais convencidos, e assustar¹⁵⁵ as têmperas mais rijas. A imprensa e a tribuna parecem conspiradas contra as audácias da empresa. No próprio seio do governo, a ela sinceramente associado, mas abalado pela violência desses contrastes, se estimaria que o jovem reformador atenuasse os seus métodos, e modere o seu zelo. Até entre os médicos e no seio dos seus alunos já se não encobrem apreensões de que as circunstâncias do meio venham a burlar, na prática, o sistema das medidas combinadas, não obstante a excelência dos princípios, onde estriba, e o valor dos precedentes, que alega.

Nem quebrar, nem torcer

Alma, porém, de “antes quebrar que tocar”, ou, antes, de *não quebrar, nem torcer*, Osvaldo Cruz¹⁵⁶ não¹⁵⁷ torce, nem quebra. A doçura do seu semblante, dos seus sentimentos e do seu trato envolve um coração intrépido, uma vontade acirrada como a lâmina do montante de um capitão de cruzadas. Ceder, não cede. Transigir, não transige. Recuar, não recua. Temer, não teme. Confia, persiste, assegura e quer. Um triênio lhe basta; e, se dentro nesse¹⁵⁸ breve espaço não estiver desempenhada com honra a palavra da ciência, a todos os castigos se oferece: “Arrastem-no pelas ruas, entregando-o aos insultos da multidão como o mais vil dos impostores, e o enforcem numa praça.”

Estas palavras exaltadas não lhe exageram a situação, antes pintam com exatas cores a atmosfera da época, os perigos reais do cometimento e as qualidades heróicas da índole, que o esposa com serena galhardia. Uma convicção talhada, assim, na rocha, não há maretas, que não desfaça, nem oposições, que não vença. Esta confiança, esta placidez, esta bravura desarma as objecções, as dúvidas e os medos. O governo, convencido, já

lhe não tolhe a benfazeja ditadura.

Extinção da febre amarela

A experiência de Havana reproduz-se, com toda a sua severidade, no Rio de Janeiro, melhorada no trabalho de adaptação dos processos profiláticos às novas condições ambientes, aos elementos da epidemia peculiares à nossa terra, e com o mesmo desenlace: a praga declina, e se esvai para sempre.

Em 1902, não se tendo aberto ainda a campanha sanitária, o obituario da febre amarela subia a 984 casos. Encetada sanificação¹⁵⁹ em 1903¹⁶⁰, já nesse ano descendem os óbitos a 584; em 1904 baixam a 589¹⁶¹; reduzem-se, em 1906 a 39; em 1908 não passam de 4; e daí avante não há mais rastro da terrível doença.

A descensão de 984 em 1902 a 39 em 1906 importa, virtualmente, no cumprimento à risca do formidável compromisso. Nos contrastes destes 39 com aqueles 938¹⁶² e na celeridade prodigiosa do curso descendente entre o ano de 1903 e o de 1906 está claramente desenhada a extinção total, que apenas em dois anos mais de baixa quase a zero acaba de se consumir.

Antes e depois

O que era a capital brasileira antes da obra de Oswaldo Cruz, o que é depois desta¹⁶³, dois factos inolvidáveis o mostram numa antítese da mais eloqüente solenidade.

Em outubro de 1895 aporta ao Rio de Janeiro o caça-torpedeiros *Lombardia*, da marinha real italiana, elegendo surgidoiro nas nossas águas, a cerca de oitocentos metros do litoral. Dois meses mais tarde, em janeiro do ano subsequente, adoce de febre amarela um dos seus tripulantes, daí a dias outro, no seguinte mais três, posteriormente 15. Aos 11 de fevereiro enferma¹⁶⁴ em Petrópolis o comandante, expirando cinco dias depois, e o navio contaminado, levantando ferro deste ancoradoiro¹⁶⁵, faz-se na volta da Ilha Grande, onde poja em terra toda a gente de bordo, que se recolhe ao lazareto¹⁶⁶.

Mas o toque da infecção, que está com eles, não os poupa. Os golpes vão-se¹⁶⁷ amiudando, cada vez mais numerosos, de modo que, aos 16

de março, os doentes são já 240, e, destes, 134 mortos. Na deserta nave apenas estão de guarda vinte homens, no começo incólumes, revezando-se a custo no serviço. Mas já em 24 de fevereiro só há 11 indemnes, dos quais cinco, inclusive o médico, vêm perder¹⁶⁸ a vida. Tremenda hecatombe, em que, de uma guarnição de 340 pessoas, mal se salvam 106, e, destas, apenas sete evitam o contágio homicida.

Correm anos, não muitos, quando o nosso porto recebe¹⁶⁹ a grande esquadra norte-americana, que perlongando as nossas costas, de rumo ao Japão, aqui surge, e dá fundo. Dezoito mil homens abriga a soberba frota no bojo dos seus navios. Reina em cheio o verão, e, com ele, o calor tropical de janeiro, lembrando a época, ainda tão vizinha, em que esta era a quadra certa da visita fatal. Mas os marinheiros americanos demandam sem sobressalto a nossa baía, dormem tranqüilos no nosso fundeadoiro¹⁷⁰, desembarcam na grande cidade, curiosos das suas maravilhas, seguros na hospedagem com que ela os acolhe.

Oswaldo Cruz asseverara¹⁷¹, em Washington, ao Presidente Roosevelt que a metrópole brasileira estava saneada¹⁷², e que as forças navais americanas, aqui, não correriam o menor risco. Não correram. A grande armada entrou e saiu ilesa, através das intensas calmas do estio. Nem um caso de febre amarela nesses 18 mil homens, entre os quais bem se pode avaliar o horror do morticínio, em que se não exerceria, anos antes, a tremenda malfetora, que, dos 240 navegantes¹⁷³ do *Lombardia*, sepultara¹⁷⁴ 134.¹⁷⁵

Oswaldo e Cairu

Já houve quem o notasse. Mas convém que hoje o rememoremos. A obra de Oswaldo Cruz completa, se não restaura, a do Visconde de Cairu. O veto da febre amarela derogava o ato do ministro da Coroa¹⁷⁶ que descerrara ao mundo as portas marítimas do Brasil. Não basta estabelecer por decreto imperatório a abertura dos portos de uma nação. Se nas suas entradas marítimas uma calamidade¹⁷⁷ exterminadora aguarda o forasteiro, para o sobressaltear, e carneá-lo, não são portos o que ali se lhe depara, mas emboscadas e matadeiros.

Desde 1849 o acesso naval às nossas capitais não estava senão entre-aberto. A espécie de dragão, muito mais formidável do que os monstros míticos, que daí em diante as guarda¹⁷⁸, mal lhes deixa semi-aberto o

ingresso debaixo da cominação de morte. Só no começo do século XX é que a salubrificação do Rio de Janeiro, obra do nosso grande higienista, patenteia realmente este país ao comércio dos outros.

Uma parcela do débito a Osvaldo

Quando os Estados Unidos, em uma epidemia de¹⁷⁹ tifo americano que por eles grassou no derradeiro quartel do século XIX, perderam, levados por ela, vinte mil homens, dentre cento e vinte mil acometidos, o Congresso Nacional, estimando em valores pecuniários a soma do dano infligido à república, orçou em duzentos milhões de *dollars*, ou cerca de oitocentos a novecentos mil contos¹⁸⁰ em nossa moeda. Ora, adotada para o cálculo a mesma base de preço, tendo-nos morrido, só aqui no Rio, desse mal, em 57 anos, perto de¹⁸¹ sessenta mil doentes, havemos de concluir, segundo a estimativa americana, que o Brasil, no curso desse período, só nesta cidade, perdeu, em vidas humanas, sorvidas na voragem da febre amarela, não menos de dois milhões de contos de réis.

Este o contingente apenas desta capital. Adicionai-lhe, agora, as parcelas relativas a todas as outras no imenso litoral do Norte brasileiro, desde o Amazonas até ao Espírito Santo, pelo interior desses Estados, e, no Sul, através dos mais populosos, como São Paulo, na metrópole estadual, em Santos, em Campinas; adicionai-lhe essas parcelas e apurai¹⁸² onde não irá parar o total dos milhões de contos de réis, que a¹⁸³ devoradora calamidade nos terá tragado¹⁸⁴ só em existências humanas imoladas nas suas matanças.

Isto posto, lançai os olhos à vossa¹⁸⁵ conta-corrente com este benfeitor da pátria, metei a mão na consciência, escutai em quanto vos ela está suputando o nosso débito a esta memória abençoada, considerai se o poderemos jamais resgatar; e, na insolência a que diante dela estamos condenados, vede se, ao menos, do nosso reconhecimento lhe¹⁸⁶ saberemos erigir um padrão, não banal, não mudo, não regelado, não morto, como os mármores¹⁸⁷, os bronzes, as inscrições lapidares¹⁸⁸, mas traduzido em benevolência, em ternura, em carinho para com os restos supérstites da sua vida, os pedaços sobreviventes de sua alma, os caros destroços do seu coração, mutilados e esparsos em torno da sua sepultura.

Ainda a febre amarela

Nem é, porém, somente no Rio de Janeiro que ele se mede e arca vitoriosamente com a febre amarela. O milagre da capital dentro em breve se renova no Pará, onde o nosso triunfador incruento, convidado pelo Governo estadual a traçar o plano de extinção da maligna enfermidade, se obriga a extirpá-la em um ano, e em um ano a deixa extirpada.

Ainda em 1900 o Pará era uma das regiões, onde os experimentadores estrangeiros iam estudar esse flagelo. Nesse ano a Escola de Medicina Tropical de Liverpool (*Liverpool School of Tropical Medicine*) mandava àquele Estado, para examinar a doença no seu meio natural, o Dr. Durham e o Dr. Walter Myers, ambos os quais a¹⁸⁹ contraíram, falecendo o último dos dois em janeiro¹⁹⁰ do outro ano. Daí a dez esse lanço¹⁹¹ do território brasileiro já não era teatro das proezas dessa desgraça, e, se sábios do outro continente ali viessem a ter, seria para voltarem, atestando a eficácia eliminadora do saneamento pelos métodos irresistíveis da medicina moderna.

O caso do Panamá

A ela se deve a construção do canal de Panamá, a que já se dera de mão como irrealizável. Irrealizável, não porque as areias movediças de um deserto, ou as serras de uma cordilheira embargassem o passo à engenharia, nem ainda porque os habitantes lhe criassem embaraços, ou exércitos inimigos ocupassem o terreno, mas porque, havia quatro séculos, “o istmo de Panamá se reputava o túmulo dos brancos”.

A terrível coveira, complacente amiga dos negros e mestiços, lá¹⁹² estava de atalaia, com o vômito preto e o impaludismo. Espanhóis¹⁹³, franceses, ingleses¹⁹⁴, atraídos pela gigantesca empresa de Lesseps, morriam como moscas. Calcula-se que, já antes de a largar ele por mão, “cada metro cúbico de terra acolá¹⁹⁵ escavado representava o sacrifício de uma vida humana”. A dízima cobrada pela morte era de vinte existências, no mínimo, sobre cada cem trabalhadores. Ainda se não sabia que os agentes de todas essas devastações eram dois micróbios e dois insetos.

O monstro e o micróbio

Os antigos encarnavam em sanhudos ou descompassados monstros

o terror da origem misteriosa de certas endemias, ligadas às condições geográficas ou meteóricas da natureza. Em um pântano, de cujas exalações a pestilência envenena as praias do golfo de Argos, habita a Hidra de Lerna, filha de Tifão e Equidna. No covão das fundas valadas onde as águas¹⁹⁶ da primavera, mal escoadas, se encharcam e apodrentam em largos alagadiços, vivem aninhadas as aves monstruosas de Estinfális, gênero de harpias que se pascem e repastam de carne humana.

Mas não eram nem os sanguinários abutres de Estinfális, nem as truculentas cabeças da Hidra de Lerna as que Hércules¹⁹⁷ encontraria hoje nos aguaçais e encharcadiços do Panamá, das Índias Ocidentais ou do Amazonas. Hércules teria de trocar a clava e as setas pelo microscópio e pelos inseticidas. Em vez de frechar harpias e esmagar serpentes, a sua tarefa seria destruir larvas, e exterminar insetos.

Madeira e Mamoré

O terror do disforme substituiu-se pelo terror do invisível. O infusório tomou o lugar do monstro, o mosquito, o do dragão. Não são os seus exércitos os que o Governo dos Estados Unidos manda contra a infecção xantogênica e a infecção malárica do Panamá: são as suas comissões de higienistas. Não são os nossos generais os que o Governo brasileiro envia a libertar do inimigo, que as tornava inabitáveis, as margens do Madeira e Mamoré: é Osvaldo Cruz.

Os operários ocupados na construção da via férrea Madeira-Mamoré pareciam como os empregados no Panamá ou nas Antilhas, espanholas e inglesas, antes de saneadas¹⁹⁸. À violência da mortandade, ao clamor dos governos estrangeiros, à ruína da empresa, paralisada na execução das suas obras, acordaram os estímulos do interesse, se não os da humanidade.

A malária

A condição pantanosa¹⁹⁹ daquelas regiões denunciava o impaludismo. A ciência já não ignorava a natureza parasitária das febres palustres. Já se lhe desvendara a etiologia e o mecanismo do seu processo, análogo aos²⁰⁰ da febre amarela: um hematozoário, o parasita²⁰¹ de Laveran, achado no sangue dos febricitantes, e um intermediário especial, hospedeiro e veículo seu, um culicídeo, um anofelíneo, nada mais que um diminutivo da mosca, um mosquito maligno, incumbido, pela natureza, da sucção, da

incubação, da transmissão do gérmen infeccioso, que extrai do indivíduo contaminado, para o levar ao incontaminado.

A divulgação desta gênese, cuidadosamente escondida, entre os mais minúsculos, mas não menos prodigiosos arcanos do universo, à nossa visão desarmada, veio a ser um dos dois elementos, graças aos quais a ciência vingou dar a certas regiões do mundo a condição de habitabilidade, que lhes²⁰² parecia negada por um contraste inexplicável com as amenidades, as delícias e as belezas, de que as dotara o Criador.

Ismaíla

Ao escavar o canal de Suez, elegeu Lesseps, a meia jornada entre Suez e Porto Said, na orilha do Lago Timsah, um sítio privilegiado, onde sonhava erigir a capital daquela zona. De um lado a bacia deliciosa dessas águas, onde as do Mediterrâneo se vão fundir com as do mar Vermelho; do outro, a solidão absoluta do deserto. O deserto imaculado e o mar incorruptível.

Garantias de salubridade mais seguras não se cria que pudesse haver. A cidade, porém, que surgira entre esperanças, começa abruptamente a decair. Sangrara-se o Nilo, para lhe dar, em abundância, a água de beber. As sobras desentranham a areia em vegetação, esmaltam de jardins a paisagem. Ismaíla sorri na sua frescura e fertilidade como um oásis. Mas do líquido que a rega, das umidades que lhe abeberam o solo, se elabora e desprende a sutil invasão, que a exaure. É uma cidade valetudinária a cidade verdejante. Valetudinária e morta, lentamente morta de paludismo. Não lhe valem as honras de porto²⁰³ central, que a sua situação e o seu destino traçado lhe atribuem. O comércio a evita, os habitantes a evadem. O médico da Companhia, no ano de 1900, encontra, entre os seus empregados, 2.250 casos de envenenamento palustre e 2.519²⁰⁴ numa população total de sete a oito mil habitantes. “*Ils n’en mourraient pas tous, mais tous étaient frappés.*”

Entram os higienistas com empenho à lida. Tudo era dar com os insetos suspeitos. Ao cair-lhes nas mãos o primeiro anofélio, já têm a campanha por vencida. Quando as tamareiras carregam, a doçura dos seus frutos as cobre de enxames desses dípteros, tão gulosos de açúcar quanto de sangue humano. Por isso a sazão das tâmaras é a quadra da recrudescência da endemia.

Não há que hesitar. A profilaxia defensiva com a profilaxia ofensiva assentam as suas baterias, e logo no ano de 1901, no mesmo em que rompem as hostilidades, o inimigo bate em súbita retirada, a malária se reduz a 1.550²⁰⁵ casos, para baixar depois, sucessiva e aceleradamente, de sorte que, três anos mais tarde, apenas dois casos restam, esses de reincidente; e de reincidências são todos os que, daí em diante, com a mais extrema raridade se produzem. A desapareição do impaludismo já é facto consumado. Em alguns meses Ismaília se emancipa da endemia, que a matava. Em dois a três anos o impaludismo primário se extingue de todo em todo, o impaludismo crônico se reduz a um mínimo, quase nulo, e tende a cessar²⁰⁶. Não pode haver lição mais concludente:

um árido recanto do deserto, que se abastece de água doce em demasia; violenta explosão de uma epidemia malárica; campanha metódica de profilaxia; extinção total do impaludismo.

Triunfo e sacrifício

A intervenção de Osvaldo Cruz nas regiões amazônicas do Madeira e do Mamoré não corre menos triunfalmente. Já então lhe minam a saúde as lesões implacáveis, que tão cedo o arrebataram²⁰⁷ depois à ciência e à humanidade. O coração e os rins, abalados pelo excesso dos trabalhos, pela pressão das responsabilidades, pela amargura dos dissabores na sua tempestuosa campanha contra a febre amarela, já não bastam às exigências do seu papel na economia da vida. As Colunas de Hércules do organismo já lhe não asseguram defesa cabal. Mas o intrépido herói do saneamento do Brasil não se poupa, não leva em conta dias nem anos da sua existência²⁰⁸. Sabe que dela não lhe resta muito; mas não a²⁰⁹ quer para seu gozo: dá-a toda²¹⁰ ao bem dos seus semelhantes. Debalde o tentam deter: nem os conselhos dos amigos, nem os sobressaltos, carícias e rogos da esposa e dos filhos²¹¹ o rendem. É um desses bravos, já sangrados na batalha, a quem o aspecto das próprias feridas e o sentimento da morte iminente dobram ainda o ardor para o combate. Porta-estandarte de uma era de regeneração, havia de fincar a sua bandeira no mais elevado topo, a que pudesse chegar, dos destroços do mal, bem alta, bem erecta, bem visível ao longe por toda a extensão do futuro.

Não lhe bastava lutar contra a malária aqui, onde a energia do invencível higienista, de mil e duzentos óbitos por febre palustre em 1902, a reduz, progressivamente, a 166 em 1911. Se o chamam a paragens longínquas, inóspitas e fatais, onde quer que seja, não lhe importam os riscos, irá levar o socorro, estabelecer o remédio, e deixar o exemplo.

O problema do impaludismo

A lição deste sacrifício grande e desta vitória ainda maior era necessária; e ninguém a podia dar com tanta vantagem, não a podendo ninguém dar com tanta autoridade. Porquanto um dos sérios problemas do nosso futuro há de ser, ainda, a malária, que, grave no Brasil, se difunde à larga pelos nossos vales e costas, revestindo formas estranhas em certas zonas, como, bem perto de nós, a dessa baixada fecundíssima do Rio de Janeiro, a do Madeira, as do Amazonas, especialmente a do Acre, onde as suas variedades²¹² vão até ao beribéri fulminante, e os seus parasitos, capazes de resistência ao antídoto, até agora inconcusso, da quinina, parecem ter o privilégio de se imunizarem à ação dele por uma verdadeira mitridatização.

Mas, aí, a estrada está, não só traçada, senão aberta pelas tradições e triunfos de Osvaldo Cruz, seus discípulos, sua escola. A chave da questão não se acha na terapêutica, mas na higiene preventiva. A medicação pode falhar; mas a profilaxia não falha.

Os discípulos

Do gênio que deu o seu nome a esta era da medicina, já se disse que

a glória de Pasteur não consiste só no próprio Pasteur, senão ainda em toda essa brilhante escola de sábios e experimentadores, que prosseguem na sua obra, e lha amplificam.

De Osvaldo Cruz o mesmo se dirá.

O instituto, que hoje se lhe honra com o nome, não é só um laboratório de estudos: é um berço de inteligências originais, criado, no começo, pela iniciativa, depois fecundado pela presença e agora aviventado pela

influência sobrevivente do mestre.

Admirável homem de ação, fascinador irresistível de inteligências, criador incansável de almas, suscita as vocações, repassa em coragem as capacidades irresolutas, devassa, na obscuridade e modéstia do merecimento inexplorado, os talentos despressentidos, como o vedor de água através do solo as fontes ou nascentes encobertas, reunindo cerca de si essa constelação de moços laureados, outros tantos mestres, em cada um dos quais se espelha a imagem gloriosa do modelo: um Carneiro de Mendonça, um Rocha Lima²¹³, um Gaspar Viana, um Eduardo Rabelo, um Ezequiel Dias, um Cardoso Fontes, um Figueiredo de Vasconcelos, um Alcides Godói, um Henrique Aragão, um Artur Neiva²¹⁴, solicitado pela República Argentina, para ali organizar serviços de bacteriologia e higiene, um Carlos Chagas, cujos primeiros passos na sua carreira bem-ditosa rutilam com “o maior milagre da medicina moderna”, a solução do problema de uma grande infecção brasileira, a ciência da sua etiologia, da sua patogenia, da sua clínica, da sua terapêutica, da sua profilaxia, da sua debelação radical, e a quem o prêmio Schaudinn confere, por uma sentença germânica, as honras do mais notável dos protozoologistas do mundo.

Deus vestiu das armas naturais essas inteligências de escol. Mas só a disciplina de um educador inimitável de sábios, como Osvaldo Cruz, as podia amestrar, de um modo tão sólido e consumado, na ciência e arte da investigação original, da experimentação exata, da verificação rigorosa.

O mestre dos mestres

Pesquisador extraordinário na atividade, irrealizável na técnica, privilegiado no tino de interpretação, acompanhava com a mesma proficiência os trabalhos de todos os seus alunos, em cada um dos ramos do²¹⁵ saber cultivados naquela instituição, como especialista, que era, desde os seus 27 anos, quando a inaugurou, em todas essas especialidades. Dotado, assim, de uma personalidade robusta e exuberante, assentou as bases da sua escola na consubstanciação do seu espírito com o das suas criaturas intelectuais; e, constituindo ali, com a sua intensidade maravilhosa de ação, no estreito círculo de almas de que se cercou, um verdadeiro apostolado na religião da verdade experimental, as conduziu de trabalhos em trabalhos, de resultados em resultados, de perspectivas em perspectivas novas, descortinando-lhes os horizontes e habilitando-os a explorar com segurança

o terreno dos domínios sem termo abertos pela medicina investigativa aos conhecimentos humanos.

Foi destarte que, nos laboratórios daquela casa, nos seus gabinetes de estudo, nas peregrinações estudiosas dos seus agentes pelas terras mais remotas, mais agrestes e mais insalubres do país, ao mesmo passo que colaboravam todos na missão de por todo ele difundirem as idéias, os métodos e as leis da nova medicina, para ela contribuía com a obra original, pessoal, nacional dessa escola, cujas lições e triunfos compõem, certamente, o capítulo melhor da nossa história médica, desde que a começamos a ter.

Nacionalização da medicina experimental

Não foi somente o debelar a peste, a febre amarela e o impaludismo. Qualquer destas três conquistas sobejaria, para eternizar a memória de um sábio ilustre, de um benfeitor do gênero humano. Mas a ele não lhe bastou. Fundara uma escola. Quis dar-lhe o maior campo de atividade, que, criando a medicina experimental no Brasil, lhe podia assegurar, e empregou-a em estudar as doenças brasileiras, ainda mal conhecidas na sua patogenia, granjeando, à ciência nacional, nesse terreno, uma reputação, que chega a emparelhá-la com a dos mais adiantados centros de cultura hodierna.

Deste modo, no curso desses fecundos trabalhos, determina com exatidão Osvaldo Cruz as modalidades etiológicas e patogênicas de muitas espécies mórbidas, reinantes em nossa terra, ou a ela peculiares, bebendo nessas conclusões verificadas copiosos elementos da ciência mais segura na prevenção²¹⁶ e medicação de tais males.

“Na história da ciência brasileira”, diz o Dr. Oscar Freire, da Faculdade da Bahia,

o nome de Osvaldo Cruz marca uma fase decisiva. O desejo de resolver os problemas nacionais com elementos próprios, fazendo no Brasil a ciência para o Brasil, todo se perdia em esforços isolados e esparsos. Preciso era fundar um núcleo, onde se reunissem os elementos de trabalho capazes, e donde se irradiasse para o Brasil inteiro a claridade de uma nova orientação e de novos horizontes. E tal função Osvaldo Cruz exerceu admiravelmente; de sorte que dele, como o seu maior título²¹⁷ de glória, se pode dizer: Osvaldo Cruz nacionalizou verdadeiramente

a ciência médica, estabelecendo o princípio de que é no Brasil que se devem²¹⁸ fazer a medicina e a higiene para o Brasil.

O mal de Chagas

É assim que, por ele guiados, os seus alunos enriquecem o quadro científico da nossa patogenia com a verificação de mais uma enfermidade humana, a tripanossomíase americana, o complexo mecanismo da sua patogenia e o conhecimento do seu agente propagador, um hemíptero superlativamente maligno, mero *barbeiro* na linguagem da familiaridade popular com o terrível comensal, mas, na ciência, individuado, com um dos seus mais sonoros nomes, como o *Triatoma megistus* de Burmeister.

No tubo digestivo deste inseto, parasito hematófago vulgar às margens da Estrada de Ferro Central, onde ia combater a malária, encontra Carlos Chagas²¹⁹, sob as suas formas evolutivas, o *Tripanosoma cruzi*²²⁰, descoberto no sangue do homem ou dos animais mordidos pelo daninho sugador; e, à luz das investigações que dirige com a perícia magistral de verdadeiro discípulo de Osvaldo, se desdobra inteira a nova entidade mórbida no seu ciclo completo, desde as vísceras do pernicioso hemíptero até ao nosso organismo, de que se apodera, e que reduz à miséria, com as suas terríveis localizações nos tecidos, na²²¹ fibra muscular, no endotélio dos vasos, nos rins, no coração, na glândula tiróide, e as desordens nervosas, as perturbações vasomotoras, as paralisias, o bócio, o idiotismo, o cretinismo, cujos síndromas lhe assinalam o curso nos indivíduos inutilizados²²² e nas populações degeneradas²²³ pela sua contaminação arruinadora.

A úlcera de Bauru

É ainda sob o influxo dessa orientação inspirada que um dos melhores discípulos de Osvaldo Cruz estabelece a terapêutica da leishmaniose. Eram notórios, entre certas populações brasileiras, os estragos da úlcera de Bauru²²⁴, abominável enfermidade, que vitima e invalida o homem, quando o não mata, cobrindo-lhe a pele e as mucosas de largas e repugnantes chagas.

Já se lhe conhecia a natureza, estudada por Lindenberg. Mas é o malgrado Gaspar Viana quem lhe descobre e deixa²²⁵ assentado o tra-

tamento específico mediante as injeções endovenosas de tártaro emético, já sancionado hoje pelos resultados admiráveis da sua aplicação, restituindo-se, destarte, com a medicação determinada no Instituto Oswaldo Cruz, à vida e atividade produtiva milhares de brasileiros, que esse mal inutilizava, e estendendo-se os benefícios da ciência brasileira a outros países americanos, onde também grassa a odiosa doença.²²⁶

A veterinária

Ilustrando-se, assim, nos domínios da nossa patologia e da terapêutica humana, não se descuidou a escola de Manguinhos da veterinária, que tanto deve aos trabalhos, às idéias e aos discípulos de Pasteur. Diferentes vacinas e soros curativos, ali descobertos e estudados, vieram beneficiar em larga escala os interesses da pecuária nacional, dotando-a de recursos contra algumas doenças animais, que a afligiam, e prejudicavam.

Instituto Oswaldo Cruz

O nome de²²⁷ Instituto Oswaldo Cruz, dado, em 1908, ao grande palácio da ciência brasileira, da nossa ciência viva e produtiva, atesta o consenso geral da nossa opinião e da do mundo quanto ao papel²²⁸ dominante, criador, soberano daquela personalidade extraordinária na origem, na existência e na glória dessa instituição, docente entre todas, verdadeira Faculdade, a Faculdade Brasileira de Medicina Experimental, mãe de sábios ilustres, mãe dos nossos mais beneméritos investigadores. Num país mal conceituado pelo seu desamor ao trabalho, são “trabalhadores de mais de 14 horas diárias”, como o seu diretor se ensoberbecia em dizer ao nosso governo. Os sufrágios das maiores autoridades estrangeiras a²²⁹ colocam lado a lado com os mais célebres institutos análogos da Europa: o de Pasteur em Paris, o de Lister em Londres, o de Koch em Berlim. Já o proclamaram “a maior glória científica do Brasil”.

A esquisita perfeição dos seus trabalhos inexcusáveis lhe vale, em 1907, na exposição anexa ao Congresso Internacional de Higiene e Demografia de Berlim, onde entravam à competência conosco 128 cidades principais do mundo, o primeiro prêmio, que, até então, nunca se concedera ali a nenhum concorrente estrangeiro, e a medalha de ouro, dádiva da imperatriz da Alemanha. As suas Memórias, estampadas em dois idiomas e

ricas de produções originais, constituem um dos mais autorizados arquivos do movimento científico do mundo. Como escola de medicina tropical é a matriz, onde vem beber toda a América Latina. Como laboratório de pesquisas de medicina experimental, de bacteriologia, de microscopia, de seroterapia, de substâncias vacinais preventivas ou medicatrizes, que distribui com liberalidade por todo o território brasileiro, nos assegura absoluta independência de todo o resto do globo em relação aos problemas de patologia geral e higiene, a que está ligada a conservação das nações, seu crédito, riqueza e prosperidade.

Esta criação magnífica, estupenda, miraculosa, que mana da influência pessoal de Oswaldo Cruz como um rio caudaloso do coração de uma fonte cristalina, não teria sido exequível, se a sua situação na diretoria da Saúde Pública lhe não granjeasse o poder, as ocasiões e os meios de elevar esse estabelecimento a tão desusada altura. A instituição de Manguinhos e a extinção da febre amarela são as duas filhas gêmeas dessa administração predestinada.

Aquele homem devia ter nascido com esta missão, para que ela se lograsse executar com tanta celeridade, harmonia e primor. Quando o Dr. Sales Guerra indicou para aquele cargo o nome de Oswaldo Cruz, não podia ser senão porque esse era já o eleito da sua classe e o nome consagrado. Naquele ato havia²³⁰ o duplo merecimento do seu desinteresse e da sua justiça; e é o que reserva a esse nosso distinto clínico uma justa menção de honra na história do varão ilustre, a que²³¹ ele deu, destarte, a oportunidade providencial de brilhar. Na sua volta do Instituto Pasteur, os nossos bacteriólogos daquele tempo, como Chapot e Fajardo, logo reconheceram em Oswaldo o guia e o mestre²³². No consultório da Travessa de São Francisco, onde assentara²³³ a sua tenda com Luís Barbosa e Cândido de Andrade, lá iam ouvir, e lhe buscar o conselho, nos exames ou questões de bacterioscopia ou microscopia, a que o diagnóstico²³⁴ então começava a dar a importância, que tanto depois cresceu rapidamente. Já então ninguém lhe negava aí a primazia.

Uma frase programa

Trazia Oswaldo consigo todo o saber da escola de Pasteur. Todavia, as suas idéias sobre a veiculação da febre amarela pelo mosquito e sua extinção mediante os processos de profilaxia havanesa ainda não

estavam assentadas. Mas as publicações médicas americanas, que recebia e devorava todas, não tardaram em o imbuir na evidência dos soberbos resultados obtidos nas Antilhas com a guerra de extermínio aos insetos, aos quais a experiência mostrava caber, durante as explosões desse contágio fatal, o trágico ofício de portadores da morte; e, nos encontros quotidianos com os seus dois companheiros, o objeto da prática eram essas notícias, essas leituras, essas vitórias da medicina experimental, que acabaram pelo convencer e entusiasmar.

Muitas vezes, então, naqueles colóquios dos três amigos, como se estivesse adivinhando, sem saber, o seu futuro, discutia a aplicabilidade eventual, no Rio de Janeiro e no Brasil²³⁵, das teorias, experiências e métodos ingleses e americanos, a que se ligavam os nomes de Manson, Ross, Finlay, Reed e outros beneméritos dessa medicina salvadora. Era a época heróica dessas experimentações, quando o Dr. Lazaar, da comissão americana mandada a investigar sobre o assunto na Ilha de Cuba, convencido adepto da transmissão da febre amarela pelo mosquito, para mover à convicção os incrédulos, se deixou picar de um inseto²³⁶ contaminado, morrendo em poucos dias da doença contraída.

O ardente bacteriólogo brasileiro já não duvidava. Encarava os embaraços com otimismo, respondia com segurança às objecções, e um dia, por fim, exprimiu a sua confiança, dizendo: “O que precisamos, é um homem sem amigos e um governo de convicções.”

Primeira ação de influência

Daí veio a resultar que, quando o prefeito Passos, em princípios de 1903, aqui reuniu, numa espécie de conselho, em sessões públicas, os médicos e engenheiros municipais, com o intuito de examinar os melhores meios de sanear da febre amarela esta cidade, entre os demais votos, saturados em geral da rotina reinante, divergiu o do Dr. Luís Barbosa, inspirado nas idéias novas, de que se impregnara na comunhão habitual com o seu ilustre amigo; e foram estas as que esposou o administrador municipal.

Por incumbência sua, o Dr. Luís Barbosa as vazou num projeto, que, adotado por aquela autoridade, se converteu no Decreto de 9 de março de 1903, onde a higiene da municipalidade, modelada²³⁷ na doutrina

americana, rompendo com o sistema da preservação pelas desinfecções, estabelecia o de remover o mal, atacando-o nos focos de hibernação e evolução, exterminando-lhe os veículos, no mosquito, na larva, nas águas, nos encharcados, nas umidades, nas impurezas, e esboçava²³⁸, nos acanhados limites da alçada local, um mecanismo gratuito para a execução desse pensamento.

A fase provisória

Já isso era, antecipadamente, como se vê, obra de Oswaldo Cruz, ação da sua influência criadora; e, quando lhe entregaram, mais tarde, no mesmo ano, os serviços sanitários da União, nessa organização embrionária, composta de médicos e estudantes contratados, é que se lhe deparam os elementos iniciais da outra. Mercê desse concurso, a que reluta, no começo, a Prefeitura, cedendo, por fim, à intercessão²³⁹ do Governo geral, angaria os meios de vencer os primeiros embaraços, recorrendo, já ao pessoal, já ao material da municipalidade, que a administração desta lhe franqueou²⁴⁰, autorizando, em abril de 1903, com o Dec. n.º 415, uma ação combinada, nesse terreno, entre as autoridades municipais e as federais.

É um período vivamente agitado o dessa fase provisória, em que Oswaldo Cruz centuplica a sua atividade, em²⁴¹ que necessita de se aventurar a iniciativas dobradamente enérgicas, para dominar a rotina dos técnicos atrasados, com os quais tem de lidar, e, jogando com elementos, cuja desarmonia o estorva, desvencilhar-se de tropeços renascentes a cada passo na execução de medidas essenciais, ainda não juridicamente legitimadas.

A organização

Só ao entrar do ano subsequente, lhe veio a ser dado pisar terra firme, quando o Congresso Nacional votou, em 1904, a Lei de 5 de janeiro, que, com o Regulamento de 8 de março, deu mútua congruência aos dois ramos²⁴² da higiene, a de agressão e a defensiva²⁴³, reorganizados e coadunados sob a mesma autoridade, recebendo, assim, o jovem administrador a mais singular demonstração da confiança ilimitada, de que já o cercava a excelência, o tino e a grandeza dos seus primeiros atos.

A luta e o lutador

Essa lei, pela qual se criou a justiça sanitária e a engenharia sanitária, constitui a mais adiantada aplicação que nunca se viu dos princípios de intervenção do Estado em matéria de higiene. Embora, porém, encontrasse no Governo da República o mais absoluto apoio, a sua obtenção e a sua execução foram lutas²⁴⁴, dessas em que só heróis não naufragam.

Exigências tinha a nova ordem de coisas, como a declaração dos casos de doenças infecciosas e, sobretudo, a verificação dos diagnósticos²⁴⁵, contra as quais até boa parte da classe médica reagia. No Congresso Nacional, nos quartéis²⁴⁶, nas ruas, nos lares, era uma espécie de levantamento em massa. Contava-se da esposa de um oficial, que se armara de carabina, para defender os seus penates contra a invasão dos matamosquitos. A tudo, porém, opôs o diretor da Saúde Pública essa mesma inalterabilidade soberana do seu ânimo bom e justo, com que, na revolta contra a vacina obrigatória, se recusara²⁴⁷ a deixar a sua casa, apedrejada pela multidão.

Trepidasse ele ante esses obstáculos, não servissem estes, pelo contrário, para dar ainda mais rigidez à firmeza adamantina²⁴⁸, que o caracterizava, e o Brasil estaria, hoje, onde estava há vinte anos, malvisto, atrofiado e esterilecido pelas endemias e epidemias, que o vexavam e arruinavam²⁴⁹.

O administrador

Quando se lhe entregou a missão de livrar e desinfecar²⁵⁰ esta e outras cidades ou regiões brasileiras da insalubridade, que as afligia; quando, especialmente, o governo lhe cometeu a direção da Saúde Pública neste distrito²⁵¹, a inveja, zanaga e maninha, a que não minguem nunca objecções²⁵², para excluir o verdadeiro merecimento, o averbara de não possuir²⁵³ atributos de administrador. Desses predicados²⁵⁴ só o da experiência não teria, então, o homem de atividade, energia e método, que, ao empossar-se naquele cargo, adotou por lema dos seus atos a divisa de “trabalho e justiça”, as duas condições mágicas, de que depende, acima de tudo, a sorte das administrações.

Mas a experiência, que lhe escasseava, supriu-lha, como que

tresdobrada, o gênio, o bom-senso, a vontade inteligente do bem, a fé, o entusiasmo, que transporta as almas, que as inspira de clarões inesperados na luta com as dificuldades; e das imprudências, dos repentinos, das invenções desse inexperiente, a cuja ação direta nada escapava, cujo tino criador acudia a tudo, sob cuja pressão tudo se eletrizava, tudo se harmonizava, tudo vibrava, resultou a mais completa, a mais extraordinária, a mais criadora, a mais exemplar das administrações, a que o Brasil tem assistido.

A glorificação

O homem que a exerceu, terminou-a coroado pelo consenso geral dos sábios como “um dos grandes benfeitores da humanidade”. É a personalidade, que “representa o Brasil moderno saneado”. Dele se disse que, “honrando a sua pátria com a extinção da febre amarela, honrou o continente americano”. Dele se escreveu que, “com só tentar imitá-lo, se nos dignifica e enche a vida”. Por tê-lo produzido, ainda há pouco, num país estrangeiro, se proclamava o Brasil uma “nação feliz”²⁵⁵.

O mundo científico não o conhecia: foi Osvaldo Cruz quem o revelou a esse mundo; e entre o Brasil pesteadado, que ele encontrou, e o Brasil desinfetado, que nos veio a legar, entre esses dois Brasis, tão diversos um do outro, essa administração mal agoirada pela eterna tacanharia dos *práticos* se levanta, abençoada hoje por todos, sem mancha, sem declínio, sem medo a rivais²⁵⁶, como uma exceção venturosa, uma antecipação do futuro, um oásis solitário no seu meio.

Que seria de nós...?

Que seria de nós, hoje, se a Providência não no-la houvesse permitido? Que seria de nós, se...? Suponhamos que Deus não houvesse criado o sol... A terra seria deserta, nua, tenebrosa, e os mais planetas, que, com ela, estendem as suas órbitas derredor daquele disco abrasado, reverberando-lhe os raios luminosos, vagariam, sombras errantes, pelo espaço, à tênue claridade das estrelas. Para o nosso mundo toda a fecundidade, toda a beleza, toda a alegria vem do sol. Grande criador, porém, o sol é, ao mesmo tempo, “o grande putrefator”. Ao calor, emanção

dos seus raios, nascem as plantas, nascem os animais, nasce o homem, surge, respira e se alimenta a vida. Mas, também, ao mesmo calor que dele deriva, se desenvolvem todos os processos da morte: as fermentações, as decomposições, as putrescências. Ao sol riem os jardins, e abrem as flores. Ao sol esfergulham as vermineiras, e se decompõem os monturos. Aquece-nos o sangue; mas, ao mesmo passo, aviventa os germens, que no-lo destroem.

Entre essas duas funções a ignorância não sabe discernir, e aproveitar. A ciência as discrimina e utiliza. Com a ignorância o sol torra, derranca, e mata. Com a ciência o sol fecunda, preserva e cria²⁵⁷. Se Deus nos não suscitasse a missão de Osvaldo Cruz, o Brasil teria o mesmo sol, com a mesma exuberância de maravilhas, mas o sol com a peste, com o impaludismo, com a febre amarela, com a doença do barbeiro, com a úlcera de Bauru, com todas essas desgraças, até então irremediáveis, que esse homem, superior ao seu tempo e ao seu país, deixou extintas ou em via de se extinguirem. Dar o sol, e não dar a ciência, é deixar apenas meio sol, ou um sol malogrado: o sol com a doença, a esterilidade e o luto. Deus nos havia dadivado²⁵⁸ os benefícios do sol tropical. Com Osvaldo Cruz nos acrescentou²⁵⁹ os da ciência, que o corrige. Podemos-nos²⁶⁰ congratular, agora, de termos o sol estreme dos seus descontos, o sol sem as suas malignidades, o bem-logrado sol dos países saneados.

The right man

Tudo isso, porém, o devemos a uma circunstância, a um momento: a adequada escolha do homem para o lugar. É o que não se faz quase nunca no Brasil. É o que, fazendo-se no Brasil uma vez, fez, sob certos aspectos capitais, de um Brasil decadente, retrógrado, paralisado, um Brasil em reabilitação e progresso.

Se o Dr. Sales Guerra não houvesse recusado o convite, indicando, em seu lugar, o especialista capaz, ou se o Governo²⁶¹ Rodrigues Alves lhe não aceitasse o nome sugerido, o país continuaria, não se sabe até quando, ferido mortalmente no seu crédito, na sua produção, no seu comércio, na sua colonização, na sua riqueza, na sua vida pelo justo renome de insalubridade, que nos enxovalhava. Por aí se poderá medir, ante a mais solene das lições, quanto releva a uma nação guardar o²⁶² respeito

ao merecimento.

A regra inglesa é a da capacidade: *the right man in the right place*. A regra brasileira, a da incapacidade²⁶³: *the wrong man in the wrong place*. Não buscamos os homens para os lugares: buscamos os lugares para os homens. Os preparados são os despreparados; os despreparados, os preparados²⁶⁴. Os competentes são os incompetentes; os incompetentes, os competentes.²⁶⁵

O latrocínio das posições

A este desconcerto²⁶⁶ chamamos nós administração. Latrocínio lhe chamava o Padre Vieira. “Querem saber os reis”, dizia ele,

se os que provêem nos ofícios são ladrões ou não? Observem a regra de Cristo: *Qui non intrat per ostiam, fur est, et latro*.[...] A porta por onde legitimamente se entra ao²⁶⁷ ofício, é só o merecimento; e todo o que não entra pela porta, não só diz [o] Cristo que é ladrão, senão ladrão e ladrão: *Fur est, et latro*. E por que é duas vezes ladrão? Uma vez porque furta o ofício, e outra vez pelo que há de furtrar com ele. O que entra pela porta, poderá vir a ser ladrão, mas os que não entram por ela já o são. Uns entram pelo parentesco, outros pela amizade, outros pela valia, outros pelo suborno, [e] todos pela negociação. E quem negocia não há mister outra prova; já se sabe que não vai a perder. Agora será ladrão oculto, mas depois ladrão descoberto, que essa é, como diz São Jerônimo, a diferença de *fur* a *latro*.

Palavras do célebre orador na prédica do Bom Ladrão, ouvida, em 1655 (há muito mais de dois séculos e meio) na Igreja²⁶⁸ da Misericórdia de Lisboa, reinando El-Rei Nosso Senhor.²⁶⁹ As portas de entrada aos cargos públicos eram, pois, absolutamente as mesmas, que ele hoje teria de enumerar, se estivesse orando, em 1917, nalgum púlpito do Rio de Janeiro: o parentesco, a amizade, o suborno, a *valia*, nome, com que se indicava, não o valor, mas o valimento, a proteção, as cartas, o *empenho*, como hoje dizemos. “As mercês não significam valor, senão, valia”, deplorava o excelso pregador, como nós hoje o deploramos.

É o que os ministros do altar, nos templos, em pleno despotismo, diziam aos ministros do soberano absoluto. Quer-me parecer que, se

a realidade é a mesma, ao homem público, hoje, não se há de negar²⁷⁰ direito de o dizer, em plena democracia, aos intitulados órgãos do povo soberano.

Naquele tempo, naturalmente, se acreditava que as valias, valimentos e valedores constituíam vícios peculiares²⁷¹ ao arbítrio das autocracias. Depois se viu que as constituições mudam os nomes, mas não a substância às coisas, e que, nas repúblicas mais amodernadas²⁷², as privanças, os nepotismos, os compadrios podem ter o mesmo sabor de atualidade que nas mais bolorentas monarquias.²⁷³

O que sob o caruncho das velhas realezas gozava de mais foros do que sob a chibança das repúblicas mais frescas, é a liberdade moral da palavra humana. Quem, com efeito, me não increparia de exceder as legítimas raias da tribuna, se eu hoje, em pleno século XX, pusesse, como Vieira em pleno século XVII, o labéu de ladrões e ladrões aos que entram aos cargos públicos, não pelas portas dianteiras da lei e do mérito, mas pelas traseiras da mediocridade e do padronado? Todavia, o baldão encerraria muito mais estricte verdade agora, quando os governos fazem de ministros dos povos, do que naquele tempo, em que o Estado e seu patrimônio se absorviam no trono e sua vontade.

Ódio ao merecimento

Quando o tribunal revolucionário, em 1794, condenou Lavoisier ao cadafalso, o presidente dessa justiça de guilhotinadores, recebendo pedidos de sobreestar na execução da sentença, despachou que a república não precisava de homens de ciência. “*La république n’a pas besoin de savants*”; e o iniciador da química moderna, carregado de serviços à pátria, recebeu a morte reservada por ela aos seus inimigos, não merecendo, sequer, a rasa inscrição do próprio nome na muda loisa, que lançaram sobre o corpo do justicado²⁷⁴. Daí a dois anos a França ia penitenciar-se naquela sepultura, qualificando-se, então, a morte de Lavoisier como atentado²⁷⁵ maior do que a de Luís XVI.

Mas nem por isso deixa de haver, até hoje, repúblicas, onde, não se podendo matar os homens de ciência no cadafalso, matam-se, ou se inutilizam (o que o mesmo vale) com o silêncio, o desprezo, o esquecimento²⁷⁶, a preterição, o abandono, a malignidade, a detração, o ódio, a injustiça, sob as mil formas que a desnudam, rebaixam e envenenam.

Se deste modo só se estrangulasse a justiça nos indivíduos, cabeça por cabeça, tirando-se a cada qual o lugar do seu direito, tanto bastaria, para revoltar a consciência humana. Mas essa habitualidade na injustiça empeçonha²⁷⁷ o ambiente moral, corrompe as nações, desonesta os governos, e arruína os Estados. A desvalorização da capacidade tem por consequência a desestimação do trabalho. A mocidade se abastarda, se enxovalha²⁷⁸, desertando o estudo, e desamando as causas generosas, para se alistar²⁷⁹ na turba dos postulantes, e esfervilhar²⁸⁰ entre os cortesãos. Com a justiça postergada se vai o estímulo, com o estímulo a vergonha, com a vergonha a moralidade, com a moralidade a compostura, com a compostura a ordem, com a ordem a segurança; e, rapidamente, como em todo o organismo vivo, debaixo da ação dos grandes tóxicos, a sociedade se desorganiza, decompõe, e dissolve.

Cada competência que se rejeita, cada merecimento que se desdenha, cada gênio, cada talento, cada saber, que se recusa, que se desgosta, que se persegue, negando-se-lhe honras, prêmios e cargos, para se distribuírem, como librés, a²⁸¹ validos e ociosos, a²⁸¹ ignorantes e nulos, a comensais e parasitas, é um valor de cultura²⁸², um valor de produção, um valor de riqueza, que se subtrai à fortuna do país, e de que se priva o tesouro²⁸³ geral da humanidade. São atos de desperdício, dilapidação e loucura, com cada um dos quais ninguém sabe quanto vai perder a nação e o gênero humano.

Se as comissões incumbidas a Osvaldo Cruz se entregassem a outrem, quando não existia, no Brasil, ninguém como ele talhado exatamente para elas²⁸⁴, a nossa pátria e a espécie humana teriam perdido, estariam perdendo, e haviam de perder ainda, em benefícios, toda essa imensidade, que lucraram, estão lucrando, e hão de lucrar com a extinção da peste, da febre amarela e do impaludismo.

A lição da grande exceção

Neste caso vimos acatada a justiça, e, com a observância da justiça, é incalculável a riqueza, que se ganhou, se ganha, se ganhará indefinidamente em vidas humanas, em atividade, em forças produtoras. A higiene brasileira transformou-se, converteu-se em²⁸⁵ verdadeiro poder, e, nos seus domínios, elevou o país a uma altura desconhecida. Ninguém nos excede nos produtos, nos serviços, nos melhoramentos, nas condições de

civilização, que a nossa ciência saneadora, encarnada no Instituto Oswaldo Cruz, hoje representa.

Imaginaí agora que não seria, a outros respeito, o Brasil todo, se nos demais ramos da administração e nas demais esferas²⁸⁶ do Governo, se repetisse aquele caso, se o país fosse entregue ao merecimento, se as posições coubessem ao trabalho, à capacidade, à honra, se os velhos dessem aos moços os exemplos da temperança, da consciência e do desinteresse, se nos deliberássemos, em suma, a estabelecer a higiene moral da república, obedecendo à mesma lei *de seleção dos capazes*, a que se deve o nosso glorioso triunfo na luta sanitária contra as três pestes.

Na Utopia

Mas, senhores, não nos transviemos por intermúndios da Utopia. Onde me não parece que valha a pena de imitar a Santo Antônio, é nisto de sermonar a peixes. Criaturas que nasceram para ser devoradas, não aprendem a não deixar-se devorar. Não. Sanear um território já será obra para gigantes. Sanear uma época, um regímen, uma nacionalidade não é cometimento acessível nem aos Briareus de cem braços, nem aos Prometeus armados com o fogo do céu.

Doenças há, de que nos curam os médicos, outras de que só se curam os doentes a si mesmos. Neste gênero estão as mazelas e gafeiras morais dos povos. São males, a que não há medicamento na botica, e de que só se livra o padecente a si mesmo²⁸⁷, quando tem resistência no organismo e energia na vontade, para desconfiar dos médicos, não se entregar aos curandeiros, e buscar em si próprio a sua cura. As nações doentes, que não dispõem desse vigor d'alma, têm apenas o seu território por menagem²⁸⁸, e não são livres senão à maneira dos lazarentos, que não cabem na gafaria, e transbordam para as colônias de leprosos. Esses grandes enfermos não sei se serão curáveis. Mas, quando o sejam, não há de ser com remédios formulados nos códigos oficiais, nem pelos Galenos costumados a viver das chagas do cliente.

Terra a terra

Porém²⁸⁹, já que sobre os problemas desta higiene superior, da higiene da alma²⁹⁰ nacional, ainda não vemos assomar o dedo de Deus, ao menos quanto aos da higiene do território brasileiro, quanto aos da higiene

da vida física, no domínio da qual se nos deu obtermos²⁹¹ resultados tão portentosos, conservemos e desenvolvamos as vantagens alcançadas. Aí a questão está resolvida; mas a solução não se acha concluída. Manguinhos esboça essa conclusão; mas ainda a não esgota. Quando os discípulos de Osvaldo, segundo um deles nos narra, mostravam ao mestre inquebrantável o quebrantamento das forças dos seus assistentes, a resposta do grande saneador era um rasgão de sol nas névoas do horizonte:

Para executar os meus planos antigos, já não conto muito com a velha guarda. Ela cumpriu o seu dever. Eu pensava na gente nova, que lá está, a qual levantaria Manguinhos até mais alto.

O coração da nossa higiene

É que Manguinhos constitui, naturalmente, o centro inexpugnável²⁹² das operações da grande ofensiva e defensiva contra a insalubridade em todo o Brasil. Ali está o coração científico do poderoso organismo, cujas leis Osvaldo Cruz deixou traçadas. Esse organismo abrange na sua influência, no seu exemplo, na sua escola, na sua ação múltipla, nas suas missões de execução toda a nossa terra; e onde quer que se revele uma necessidade, um risco, uma invasão do inimigo, o choque há de refletir-se no músculo central e no cérebro pensante, para dali retornar, com a idéia, a medida e a solução invocada.

Desapareceu dentre nós Osvaldo Cruz. Mas a sua criação está viva. O seu gênio não a deixou. Deus chamou a si o seu emissário. *Ascendit Elias per turbinem in coelum*. Mas o espírito de Elias descansou em Eli-seu. *Requievit spiritus Eliae super Eliseum*. A sucessão estava designada pela necessidade inevitável das coisas. O manto da investidura oficial não veio senão reconhecer a sagração já consumada. Carlos Chagas ascende à cadeira do mestre com todo o prestígio da grande herança. Da instituição em que sucede²⁹³ ao fundador, se domina todo o campo da higiene brasileira. Se Pasteur não errava em chamar “templos do futuro” aos laboratórios da ciência experimental, naquele está o santuário, cujos oráculos os nossos governos devem ir solicitar para a conservação e integração da obra imensa, ali centralizada.

A obra futura

Os domínios da malária entre nós ainda são tão vastos quanto o curso dos nossos rios e as depressões dos nossos vales. Em vários dos nossos Estados ainda agora é notória a presença da febre amarela. Nas terras de Minas e Goiás, em vastas regiões de Mato Grosso, do Maranhão, do Piauí, da Bahia, “domina infrene o mais temeroso dos flagelos endêmicos²⁹⁴ dos sertões, [a] moléstia de Chagas”.²⁹⁵ Populações inteiras de indivíduos bociados, hebetados, cretinizados, entrevados por ela habitam as sinistras zonas do *barbeiro*, contra cujas devastações não me consta que já se encetasse, ao menos²⁹⁶ como ensaio, a campanha preservativa tracejada pelo grande aluno de Osvaldo Cruz. Situações notavelmente saudáveis, climas de excelência²⁹⁷ conhecida apresentam, largamente derramado nas populações urbanas e rurais, o estigma do anquilostomiase, mal não custoso de vencer, mas abandonado à sua ação inanidora sobre a vida e o trabalho humano. Escritores e médicos nos descrevem apavorados um “inferno verde” nas regiões amazônicas, um “inferno seco” no nosso Nordeste, um “inferno central” nos sertões de Minas e Goiás, em paragens que a natureza ornou de todas as belezas, e as infecções reinantes mergulham em todos os horrores. Tantos infernos no mais maravilhoso dos paraísos.

É todo um mundo, nessa vastidão incalculável de necessidades, estudos e providências, o que estes factos nos descortinam, um mundo bastante para justificar, a nosso respeito, o sentimento de espanto, com que, há sessenta anos, Littré, num dos seus escritos médicos, se admirava de que nos Estados civilizados não houvesse um ministério especial da Saúde Pública. Eu, que, há trinta e cinco anos, propugnava a criação, no Brasil, do Ministério da Instrução Pública, não hesitaria hoje, quando a higiene assume entre nós essa importância avassaladora, em votar com Littré pela consagração de um ramo central do Governo a este serviço, se, neste país, as secretarias de Estado se criassem, para se ocupar com os assuntos, que lhes dão os²⁹⁸ nomes.

Mas esses males, de assoberbadora grandeza, dominantes ainda no campo das reformas que Osvaldo Cruz inaugurou com trabalhos²⁹⁹ de Hércules, devem persuadir-nos a que não durmamos sobre os nossos loiros³⁰⁰. O que está por acabar, é ainda muito mais do que³⁰¹ o que ele deixou acabado. A imensidade, porém, do que ele acabou³⁰² em tão breve espaço, tendo que improvisar tudo, nos deixa ver quanto iremos acabando, se o continuarmos com a mesma inspiração, a mesma valentia e a mesma

perseverança. Este é o verdadeiro monumento, que com a sua memória condiz, a verdadeira gratidão, que lhe devemos.

“Sempre avisados, mas nunca prevenidos”

O Brasil é um país de esquecimento e negligência. Pouca memória, menos atenção e nenhum cuidado. Parece que o achaque nos vem de nascerça, e já vagia conosco no berço; pois, há mais de duzentos e cinquenta anos, pregando no Colégio da Bahia³⁰³, dava rebate³⁰⁴ o Padre Vieira desta mazela³⁰⁵ como velha e incorrigível na terra, comparando os nossos desastres, pelo costume de não fazermos conta dos avisos, aos de Tróia e Sodoma. Volvo ao pregador, porque é palavra sagrada. Saiu de um templo: não tem laivo de paixões terrenas.

“Eis aqui”, bradava³⁰⁶ a grande voz da Igreja,

eis aqui nem mais nem menos o fado ou desenfado do nosso Brasil: sempre avisados, mas nunca prevenidos. Lançai os olhos por todas as praças que temos perdido desde o ano de 624 até o presente, e nenhuma achareis, a que não precedessem avisos, e muitos avisos. Antes de se tomar a Bahia, duas barcas de pescar, com cartas del-rei que pela novidade da embarcação fizeram o caso mais misterioso, e o aviso mais notório; um mês antes a mesma capitânia da armada holandesa sobre o morro, que nos mandou avisar pelos prisioneiros de Angola; e nós com a praça aberta, sem fortificação, sem³⁰⁷ trincheira, como se nos preparáramos³⁰⁸, para entregarmos a cidade, e não para a defender; e assim foi Pernambuco da mesma maneira. Tantas cartas del-rei antecedentes, tantas notícias de Holanda, que haviam de vir, e nomeadamente que haviam de entrar por tal parte. Depois de partida a armada, avisos de Portugal, avisos de Cabo Verde, que já vinham, que já chegavam³⁰⁹; e nós a cortar canas, a moer engenhos, [e] como se fora nova de alguma grande frota que vinha a carregar de açúcares; e assim o mesmo foi desembarcar, que serem senhores da terra.

Desta maneira se perdeu Pernambuco, desta maneira se perdeu a Bahia, e todas as outras praças menores, por este caminho as perdemos: nunca acometidos de súbito, nunca tomados de repente. Perdeu-se o Brasil, como se há de perder e acabar o mundo.³¹⁰

O mundo acabará de surpresa, ainda que muito avisado (continua o missionário), por não escutar nunca os repetidos sinais do céu. “Tal aconteceu sempre no Brasil”, diz ele.

Nenhuma nova [houve nunca] tão certa, que não tivéssemos uma esperança para que apelar; nenhum aviso houve nunca tão qualificado que não tivéssemos um discurso com que o desfazer. Que está acabada a companhia³¹¹ de Holanda; que França não os pode hoje assistir; que Dinamarca tem guerras apregoadas; que baixa com grande exército o imperador; que os tem mui apertado o cardeal infante; que se desbaratou a armada, que mandaram a Índias; que não há um holandês em Amsterdam, que queira vir ao Brasil; finalmente, que estão perdidos, que estão acabados, que estão consumidos. E, quando nos não precatamos, ouvimos soar as trombetas holandesas por esses oiteiros; acham-nos descuidados e despercebidos³¹², tomam-nos as nossas terras, e deixam-nos os nossos discursos.³¹³

Tal, concluía o padre, “o natural descuido nosso” e “o clima ou os pecados do Brasil”. Dois séculos e meio vão passados, senhores; mas “o natural descuido nosso” não passou, não passaram “os pecados do Brasil”, não se lhe mudou “o clima”. Eternamente descuidados. Eternamente surdos a todos os avisos. Eternamente desgostosos dos avisadores. Desleixo³¹⁴, imprevidência, volubilidade. Não aprendemos do passado, não nos incomodamos com o presente, não cogitamos no futuro. Assim vamos vivendo e medrando, como vive e medra a nossa natureza, despreocupada na inconsciência³¹⁵ das coisas. Do imprevisto nos gozamos, embalando-nos nas suas surpresas. Temos nos nossos orçamentos liberalmente consagrado o melhor do nosso sangue à montagem da máquina da guerra. Mas, se esta nos bate às portas, vamos dar com a máquina de todo o ponto desmontada. Não ouviríamos hoje “soar por esses oiteiros as trombetas holandesas”, como nos dias de Vieira. Mas, se por terras nossas ressoasse o clangor do bronze inimigo, não nos encontraria mais apercebidos hoje do que ao tempo, em que os nossos maiores recolhiam a safra dos canaviais³¹⁶, e moíam engenhos de canas³¹⁷, enquanto as frotas de Holanda nos ameaçavam as costas. “Sempre avisados, mas nunca prevenidos.” Tais em 1917 quais em 1641. Tais no século XX, quais no século XVII.

“O milagre”

Demos graças ao Senhor, por haver permitido um dia que, ao menos, contra uma espécie de inimigos e perigos nos precatássemos, e por nos ter dado o gigante para a organização dessa defesa, movendo os homens, que nos governam, a não o rejeitarem, nem lhe regatearem os meios de uma ação criadora. É o a que o célebre pregador chamava “o fino do milagre de Deus”.

Este homem, “feito de afoiteza e prudência, de imaginação e ponderação, de intuição e crítica”, como Pasteur, era, como Pasteur, “uma vontade obstinada, um vigor seguro de si mesmo, uma fé capaz de levantar montanhas”. A esses atributos do seu carácter, não menos do que às qualidades superiores da sua ciência, se deve a gloriosa consumação da sua obra. A independência no espírito necessita de ser servida pela independência na ação.

Antes de entrar ao³¹⁸ cargo, já se revelara ele o homem dessas qualidades, entre nós raras, quando, anunciada a nomeação, para si, de um secretário, sobre cuja escolha não fora ouvido, posto recaísse em nome digno³¹⁹, salvou desde logo a sua autoridade, impondo o eleito da sua confiança. Depois esses predicados se acentuaram, cada vez mais, na seqüência dos seus atos, com tal irradiação de superioridade, com tamanha exalação de calor, com uma intensidade tal de convicção, de segurança, de poder galvânico, que, ao cabo de um ano, todo aquele pessoal, toda aquela administração, todo aquele serviço se movia como um só homem, como um instrumento inteiriço e vivo³²⁰, como os seus próprios nervos e músculos, debaixo da ação da sua vontade, realizando, nas mãos do mais novo, mas do mais notável dos administradores, a mais criadora das administrações.

O patriota

Nesse coração³²¹, aparentemente absorvido e consumido no amor da ciência e no amor da humanidade, não era menos vibrátil a fibra do civismo. Sua visão não se estreitava³²² no círculo visual do microcósio. Sentia³²³ a relação necessária entre os interesses da ciência, na sua autoridade, na sua sinceridade, na sua utilidade, e a observância dos princípios da ordem social. Amando a pátria, amando a liberdade, não perdia de vista os negócios do país: antes os seguia³²⁴ com o discernimento, o zelo e as emoções de uma consciência desinteressada.

“Quando a aventura boulangista ameaçou subverter a nação com o

quadriênio fatídico que nos assolou”, diz um dos seus discípulos em eloqüente homenagem à memória do mestre,

o eco da campanha civilista chegou ao remanso de Manguinhos, arrancando-nos da indiferença, com que encarávamos as manifestações da política nacional. O próprio Mestre agitou-se, e esteve na iminência de se alistar eleitor. Quando o cataclismo desabou sobre o país, e o pessimismo se assenhoreava de todos, ele não desanimou um só momento, e, cheio de fé, repetia: “Os gloriosos destinos do Brasil são infinitamente mais poderosos que quatro anos de desgoverno”.

Se alguém houvesse auscultado o sussurro desse coração nos transe do passamento³²⁵, não me engano, creio eu, em supor que lhe perceberia³²⁶ a mesma tristeza de Pasteur, quando, aos 46 anos de idade³²⁷, ferido de uma hemiplegia, a que cuidou sucumbir, lhe aflorava³²⁸ aos lábios esta queixa: “Tenho pena de morrer: quereria³²⁹ prestar ainda mais serviços a minha terra.” E ainda os prestou; porque só 27 anos mais tarde, aos 73 da sua vida, acabava a carreira³³⁰ mais gloriosa da ciência no século passado.

Oswaldo pouco mais de metade do lapso dessa existência viveu; e, quando fechou os olhos, aos 42 de nascido³³¹, a carreira, que tão cedo encerrava, já era a mais benfazeja da ciência brasileira em toda a história da nossa nacionalidade.

Mas, os serviços de tais homens não se medem pela extensão da sua passagem terrestre, nem pela soma de benefícios que dos seus atos, durante ela, colheu o gênero humano. A grande obra dos benfeitores predestinados está na ilimitada sobrevivência dela aos seus autores, que do seu próprio trespasse revivem todos os dias nos frutos do bem, que plantaram, na corrente de bençãos, que deixaram aberta e borbotante. São fontes de bondade, em que se desentranha a vida efêmera dos mortais imortalizados, para a continuarem³³², através de séculos e séculos, em caudais de benevolência e caridade.

Aos salvadores de homens, suscitados pelo céu, o inferno contrapõe os exterminadores de homens. Mas, embora estes passem, carreando na torrente de sangue dezenas de milhões de vítimas, maior, muito maior, sem comparação maior será sempre, na série incessante dos tempos, a seara³³³ de vidas, que o gênio dos semeadores da ciência arrebatava à voragem da nossa mortalidade³³⁴, e a messe de almas consoladas que eles salvam das

agonias do sofrimento³³⁵.

Coube a Osvaldo Cruz a ventura extraordinária de ser um desses raros eleitos, um desses levitas do sacerdócio consagrado à diminuição dos padecimentos³³⁶ humanos. Essas criaturas amadas e benditas, como ele, devem os milagres da sua obra à ação desse deus interior³³⁷, o *En Theon* do entusiasmo, bela palavra, uma das mais belas dos nossos idiomas, mas infinitamente menos bela do que o sentimento, que traduz a paixão das grandes inspirações, das grandes aspirações, das grandes abnegações, o heroísmo do trabalho, da justiça e da verdade.

Ninguém o teve maior do que esse Pasteur, o Mestre de Osvaldo, que, comemorando, na Academia Francesa, a obra e a santidade humana de Littré, dizia, em palavras de uma transparência imaculada:

A grandeza das ações humanas mede-se³³⁸ pela inspiração, que lhes deu o ser. Feliz de quem traz em si um Deus, um ideal de beleza, e lhe obedece: ideal de arte, ideal de ciência, ideal da pátria, ideal das virtudes do Evangelho. São esses os mananciais vivos dos grandes pensamentos e das grandes ações. Todas elas, todos eles se alumiam dos reflexos do infinito.

Notas do Discurso a Oswaldo Cruz

¹ Transcrito de BARBOSA, Ruy. *Oswaldo Cruz*. A obra científica do glorioso creador da medicina experimental no Brasil, apreciada pelo Conselheiro Ruy Barbosa, na sessão cívica de 28 de Maio de 1917, no Theatro Municipal. Rio de Janeiro, Manguinhos, 1917. (Exemplar da Biblioteca da FCRB.) Confrontado, também, com BARBOSA, Ruy. “Oswaldo Cruz”. *Revista do Brasil*, São Paulo, 5: 271-321, jul. 1917 (exemplar da Biblioteca da FCRB) e com original manuscrito da Biblioteca Municipal de São Paulo (microfilme na FCRB).

² No original está: “desse estilo”.

³ No original está: “uma sombra da representação”.

⁴ No original está: “o haveremos conseguido”.

⁵ No original está: “relações de homogeneidade moral, relações de representação espiritual”.

⁶ No original está: “de que ela”.

⁷ No original está: “os genuínos representantes vêm a ser”.

⁸ No original está: “como o tutor dos menores”.

⁹ No original está: “como eu são átomos”.

¹⁰ No original está: “Da arraia miúda apenas me distingo eu”.

¹¹ No original está: “que se sentem rumorejar”.

¹² No original está: “Para que eu, legitimamente”.

¹³ No original está: “a nossa Constituição não estaria tão longe”.

¹⁴ No original está: “porque a minha pátria ainda as não quis”.

¹⁵ No original está: “Mas, embora eu acabe”.

¹⁶ No original está: “a fé miraculosa no bem”.

¹⁷ No original está: “que se faz”.

¹⁸ No original está: “que eu de tudo”.

¹⁹ No original está: “pela região das ciências”.

²⁰ No original está: “só me restou”.

²¹ No original está: “Não era com esta bagagem tosca e rude”.

²² No original está: “Taparam-me a boca com elogios e finezas”.

²³ No original está: “Não faltou senão me dizerem”.

²⁴ No original está: “Mas, se o não disseram, é o que sentiam. O caso era médico. São médicos. Com a medicina não se briga”.

²⁵ No original está: “condenado pelas audácias da minha submissão”.

- ²⁶ No original está: “que com aquelas se entreteceram”.
- ²⁷ Na *Revista do Brasil* está: “com que a medicina”.
- ²⁸ No original está: “e deu seu nome à nova era”.
- ²⁹ No original em vez de “relação” está “reações”.
- ³⁰ No original está: “entre certa matéria orgânica.”
- ³¹ No original está: “determinou Pasteur”.
- ³² No original em vez de “atalhando-se” está “atalhando”.
- ³³ No original está: “bem o disse, numa forma lapidar”.
- ³⁴ No original está: “operou como o Criador”.
- ³⁵ Cf. *Recueil des Discours, Rapports et Pièces Diverses Lus dans les Séances Publiques et Particulieres de l'Académie Française*. 1890-1899. Paris: Typ. de Firmin-Didot, 1900, 2ª parte, p. 332.
- ³⁶ Cf. *Recueil des Discours*, cit., p. 327.
- ³⁷ No original em vez de “provando” está “mostrando”.
- ³⁸ No original está: “sem que ele a procure.”
- ³⁹ No original está: “ia descortinar, aos nossos olhos, incríveis surpresas.”
- ⁴⁰ Cf. *Recueil des Discours*, cit., p. 333.
- ⁴¹ No original está: “de que ele foi o descobridor”.
- ⁴² Engano. O discurso foi pronunciado em 28 de fevereiro de 1897, conforme se verifica no *Recueil des Discours*, cit., p. 333-4.
- ⁴³ No original está: “são mínimos esses organismos”.
- ⁴⁴ No original está: “do cólera”.
- ⁴⁵ No original e na *Revista do Brasil* está: “e uma doença do gado”.
- ⁴⁶ Na *Revista do Brasil* em vez de “tesoiros” está “tesouros”.
- ⁴⁷ No original está: “encarna a glória”.
- ⁴⁸ No original em vez de “encontra” está “isola”.
- ⁴⁹ No original e na *Revista do Brasil* está: “olhos dos inculcados homens”.
- ⁵⁰ Cf. PASTEUR, M. *Histoire d'un Savant par un Ignorant*. 6. ed. Paris: J. Hetzel, [1883], p.351.
- ⁵¹ No original e na *Revista do Brasil* está: “em 1880 a 1881”.
- ⁵² Na *Revista do Brasil* está: “Mas as leis de patologia geral”.
- ⁵³ Na *Revista do Brasil* está: “a um campo de ação imediatamente maior”.
- ⁵⁴ Na *Revista do Brasil* em vez de “tesoiros” está “tesouros”.
- ⁵⁵ No original está: “com uma energia heróica”.
- ⁵⁶ No original e na *Revista do Brasil* está: “deu a morte a tantos homens”.
- ⁵⁷ Cf. LITTRÉ, E. *Médecine et Médecins*. 3. ed. Paris: Libr. Académique, 1875, p.3, 16 e

196.

⁵⁸ No original está: “deu à revolução iniciada”.

⁵⁹ No original está: “na etiologia, patologia e terapêutica”.

⁶⁰ No original e na *Revista do Brasil* está: “Os benefícios, porém, da orientação”.

⁶¹ No original está: “os seis derradeiros meses”.

⁶² No original em vez de: “já há muito” está “outrora”.

⁶³ Na *Revista do Brasil* está: “o fogo do inimigo”.

⁶⁴ Na *Revista do Brasil* está: “do que nas mais benignas das Guerras”.

⁶⁵ Na *Revista do Brasil* está: “acerca do vibrião às idéias”.

⁶⁶ No original e na *Revista do Brasil* está: “cuja existência destrói”.

⁶⁷ Na *Revista do Brasil* está: “oitenta e cinco por cento”.

⁶⁸ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “salvou” está “salvara”.

⁶⁹ No original e na *Revista do Brasil* está: “se soubesse o que lhes deve”.

⁷⁰ No original e na *Revista do Brasil* está: “Nascendo em 1872, nasceu Oswaldo Cruz”.

⁷¹ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “o nosso futuro” está “o futuro”.

⁷² No original e na *Revista do Brasil* está: “centro de atração está, na plêiade dos investigadores”.

⁷³ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “pela herança” está “com a herança”.

⁷⁴ No original e na *Revista do Brasil* está: “iniciador lhe retempera”.

⁷⁵ No original e na *Revista do Brasil* está: “em que a madureza”.

⁷⁶ Na *Revista do Brasil* em vez de “do saber” está “de saber”.

⁷⁷ No original em vez de “entra” está “começava”.

⁷⁸ No original e na *Revista do Brasil* está: “e traçar o plano”.

⁷⁹ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “nesse tempo” está “então”.

⁸⁰ No original e na *Revista do Brasil* está: “Não se acredita que se possa”.

⁸¹ No original em vez de “do soro antidiftérico” está “do micróbio da difteria e sua toxina”.

⁸² Na *Revista do Brasil* em vez de “delegáramos” está “delegamos”.

⁸³ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “aquela” está “essa”.

⁸⁴ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “destinava” está “destina”.

⁸⁵ No original está: “satisfatoriamente o produto conhecido”.

⁸⁶ Na *Revista do Brasil* está: “setenta por cento”.

⁸⁷ No original e na *Revista do Brasil* está: “desse produto, que ele introduz na prática hospitalar”.

⁸⁸ No original está: “de sessenta a setenta per cento”, e na *Revista do Brasil* está: “de sessenta e setenta por cento”.

- ⁸⁹ No original está: “resto esse que”.
- ⁹⁰ Na *Revista do Brasil* está: “arrojo duma consciência”.
- ⁹¹ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “Essa” está “Esta”.
- ⁹² No original está: “com ser uma família”.
- ⁹³ No original e na *Revista do Brasil* está: “cobre o globo”.
- ⁹⁴ No original e na *Revista do Brasil* está: “vem a ciência provar que”.
- ⁹⁵ No original em vez de “chegou” está “veio”.
- ⁹⁶ Na *Revista do Brasil* está: “reconhecer-lhes essa dignidade”.
- ⁹⁷ No original em vez de “acampou” está “acampara”.
- ⁹⁸ No original está: “Mas essa começava”.
- ⁹⁹ No original e na *Revista do Brasil* está: “já transbordando em honra”.
- ¹⁰⁰ No original está: “Outro cometimento se ia seguir a esse”.
- ¹⁰¹ No original em vez de “opor” está “opormos”.
- ¹⁰² No original em vez de “endemias” está “epidemias”.
- ¹⁰³ No original está: “também lhe veio a febre amarela”.
- ¹⁰⁴ No original em vez de “quando” está “que”.
- ¹⁰⁵ Na *Revista do Brasil* em vez de “pela” está “pelo”.
- ¹⁰⁶ No original e na *Revista do Brasil* está: “berço do flagelo”.
- ¹⁰⁷ No original está: “e por isso estão”, e na *Revista do Brasil*: “e por isto estão”.
- ¹⁰⁸ No original e na *Revista do Brasil* está: “logra a imunidade”.
- ¹⁰⁹ No original em vez de “por cento” está “per cento”.
- ¹¹⁰ No original e na *Revista do Brasil* está: “mas renascendo após essas remissões”.
- ¹¹¹ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “nalguma” está “numa”.
- ¹¹² No original está: “a deviam assegurar”.
- ¹¹³ No original está: “Tudo são paliativos”.
- ¹¹⁴ No original está: “chefe do Estado. Também este o não conhece. Nova pergunta. Ele também.”
- ¹¹⁵ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “desses” está “dos”.
- ¹¹⁶ No original e na *Revista do Brasil* está: “Claude Bernard?”
- ¹¹⁷ No original e na *Revista do Brasil* está: “na nossa história”.
- ¹¹⁸ No original em vez de “no ano inicial” está “no primeiro ano”.
- ¹¹⁹ Na *Revista do Brasil* está: “dos primeiros atos”.
- ¹²⁰ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “imprimir” está “dar”.
- ¹²¹ No original e na *Revista do Brasil* está: “é uma questão”.
- ¹²² No original está: “mas trata-se”.
- ¹²³ No original está: “Conhecemos os meios, o processo. Dêem-nos”.

- ¹²⁴ Na *Revista do Brasil* está: “com que ele advoga”.
- ¹²⁵ No original em vez de “exemplares” está “lapidares”.
- ¹²⁶ No original e na *Revista do Brasil* está: “dominassem, e absorvessem”.
- ¹²⁷ No original está: “Para os seus colegas não é menos”.
- ¹²⁸ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “indefesso” está “indefeso”.
- ¹²⁹ Na *Revista do Brasil* em vez de “buscam” está “buscaram”.
- ¹³⁰ No original está: “da saúde pública, exerce ele uma propaganda”, e na *Revista do Brasil*: “da saúde pública, já exerce Osvaldo uma propaganda”.
- ¹³¹ Na *Revista do Brasil* em vez de “granjeava” está “granjeia”.
- ¹³² No original e na *Revista do Brasil* está: “parece que elas já haviam”.
- ¹³³ No original está: “pelas divergências, conflitos, antagonismos”.
- ¹³⁴ No original e na *Revista do Brasil* está: “anarquia, a que pôs termo Osvaldo Cruz”.
- ¹³⁵ No original e na *Revista do Brasil* está: “livrescos e indecisos”.
- ¹³⁶ Na *Revista do Brasil* está: “de modo exato”.
- ¹³⁷ No original está: “Simond, assim como de Sanarelli em Montevidéu.”
- ¹³⁸ No original está: “Rio de Janeiro, haviam acabado por insular um bacilo”.
- ¹³⁹ No original está: “característico, dotado, entre os outros, da propriedade peculiar de reproduzir nos animais os sintomas”, e na *Revista do Brasil*: “característico, que reproduzia no conceito do sábio italiano, quando inoculado em animais de experiência, os sintomas”.
- ¹⁴⁰ No original está: “anatômicas, que constituem o tipo da febre amarela”.
- ¹⁴¹ Na *Revista do Brasil* em vez de “negaram” está “recusaram”.
- ¹⁴² Este último período não consta do original. Em seu lugar, lê-se o texto a seguir: “Nenhum outro germen se irmana com a espécie micróbica do bacilo icteróide, notável, além do mais, pela sua longevidade prodigiosa e pela sua indefinida transportabilidade.* Nenhum outro veneno, a não ser o das serpentes ou o dos escorpiões, se compara, em intensidade, em rapidez, em ação degenerativa sobre o protoplasma celular, com a toxina icteróide, mais enérgica ainda que a da difteria.”
- * Esta oração não consta da *Revista do Brasil*.
- ¹⁴³ No original está: “Mas o que inundou”.
- ¹⁴⁴ No original e na *Revista do Brasil* está: “incubando no próprio organismo”.
- ¹⁴⁵ No original em vez de “amarílico” está “xantogênico”.
- ¹⁴⁶ No original e na *Revista do Brasil* está: “na ordem real da natureza”.
- ¹⁴⁷ No original está: “em fevereiro, em março”.
- ¹⁴⁸ Na *Revista do Brasil* em vez de “arrostar-se” está “arrastar-se”.
- ¹⁴⁹ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “empenha” está “empenhava”.
- ¹⁵⁰ No original em vez de “abalando” está “insurgindo”.

- ¹⁵¹ No original, segue-se o seguinte texto: “Uma revolta armada bate quase às portas do Governo”.
- ¹⁵² Na *Revista do Brasil* está: “menos cultas da opinião, indigitada”.
- ¹⁵³ No original e na *Revista do Brasil* está: “Código das Torturas”.
- ¹⁵⁴ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “regeneradores” está “saneadores”.
- ¹⁵⁵ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “assustar” está “arruinar”.
- ¹⁵⁶ No original e na *Revista do Brasil* está: “que torcer’, Osvaldo Cruz”.
- ¹⁵⁷ Na *Revista do Brasil* em vez de “não” está “nem”.
- ¹⁵⁸ Na *Revista do Brasil* em vez de “nesse” está “desse”.
- ¹⁵⁹ Na *Revista do Brasil* está: “Encetada a sanificação”.
- ¹⁶⁰ No original está: “1902”.
- ¹⁶¹ Engano evidente. O certo é 289, como está no original e na *Revista do Brasil*.
- ¹⁶² O certo é 984, como está no parágrafo anterior.
- ¹⁶³ No original e na *Revista do Brasil* está: “depois dela”.
- ¹⁶⁴ No original em vez de “enferma” está “adoece”.
- ¹⁶⁵ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “ancoradoiro” está “ancoradouro”.
- ¹⁶⁶ No original e na *Revista do Brasil* está: “e ao lazareto se recolhe toda a gente de bordo.”
- ¹⁶⁷ No original em vez de “vão-se” está “se vão”.
- ¹⁶⁸ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “vêm perder” está “perdem”.
- ¹⁶⁹ No original está: “Correm anos, não muitos, e o nosso porto recebe” e na *Revista do Brasil*: “Correm anos, não muitos, o nosso porto recebe”.
- ¹⁷⁰ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “fundeadoiro” está “ancoradoiro”.
- ¹⁷¹ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “asseverara” está “asseverou”.
- ¹⁷² No original e na *Revista do Brasil* está: “a metrópole brasileira está saneada”.
- ¹⁷³ Na *Revista do Brasil* em vez de “navegantes” está “mareantes”.
- ¹⁷⁴ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “sepultara” está “sepultou”.
- ¹⁷⁵ Cf. PARENTE, Abele. *La Febbre Gialla a bordo del Lombardie nella Baia di Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto Profissional, 1899, p. 7-8.
- ¹⁷⁶ No original em vez de “Ministro da Coroa” está “Ministro de”, portanto omitiu-se o nome da pasta.
- ¹⁷⁷ No original e na *Revista do Brasil* está: “Se nessas entradas uma calamidade”.
- ¹⁷⁸ Na *Revista do Brasil* em vez de “guarda” está “aguarda”.
- ¹⁷⁹ Na *Revista do Brasil* em vez de “de” está “do”.
- ¹⁸⁰ Na *Revista do Brasil* está: “oitocentos mil contos”.
- ¹⁸¹ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “perto de” está “cerca de”.

- ¹⁸² No original está: “em Campinas e apurai”, e na *Revista do Brasil*: “em Campinas; adicionai-lhe e apurai”.
- ¹⁸³ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “a” está “essa”.
- ¹⁸⁴ No original está: “nos tem comido”, e na *Revista do Brasil*: “nos tragou”.
- ¹⁸⁵ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “à vossa” está “sobre a vossa”.
- ¹⁸⁶ No original e na *Revista do Brasil* está: “reconhecimento não lhe”.
- ¹⁸⁷ No original e na *Revista do Brasil* está: “não regelado, como os mármore”.
- ¹⁸⁸ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “lapidares” está “mortas”.
- ¹⁸⁹ Na *Revista do Brasil* em vez de “a” está “o”.
- ¹⁹⁰ No original está: “falecendo este em janeiro”.
- ¹⁹¹ Na *Revista do Brasil* está: “Daí a dez anos esse lança”.
- ¹⁹² No original em vez de “lá” está “ali”.
- ¹⁹³ No original está: “Os espanhóis”.
- ¹⁹⁴ Na *Revista do Brasil* está: “Os espanhóis, os franceses, os ingleses”.
- ¹⁹⁵ No original em vez de “acolá” está “ali”.
- ¹⁹⁶ No original está: “valadas de Estinfális onde as águas”.
- ¹⁹⁷ Na *Revista do Brasil* em vez de “Hércles” está “Hércules”.
- ¹⁹⁸ Na *Revista do Brasil* em vez de “saneadas” está “saneados”.
- ¹⁹⁹ No original está “condição poluidora”, e na *Revista do Brasil*: “condição paludosa”.
- ²⁰⁰ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “aos” está “ao”.
- ²⁰¹ Na *Revista do Brasil* em vez de “parasita” está “parasito”.
- ²⁰² No original em vez de “lhes” está “lhe”.
- ²⁰³ Na *Revista do Brasil* em vez de “porto” está “porta”.
- ²⁰⁴ No original em vez de “2.519” está “2.591”.
- ²⁰⁵ Na *Revista do Brasil* em vez de “1.550” está “1.500”.
- ²⁰⁶ No original e na *Revista do Brasil* está: “um mínimo, e este mínimo, quase nulo, tende a cessar.”
- ²⁰⁷ No original e na *Revista do Brasil* está: “que o arrebatarem”.
- ²⁰⁸ No original está: “anos de uma existência”.
- ²⁰⁹ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “a” está “o”.
- ²¹⁰ No original está: “dá-o todo”.
- ²¹¹ No original e na *Revista do Brasil* está: “as carícias e os rogos da esposa ou filhos”.
- ²¹² No original está: “em certas zonas, como a do Madeira e a do Acre, onde as suas variedades”.
- ²¹³ No original está: “modelo: um Rocha Lima”.
- ²¹⁴ No original está: “um Eduardo Rabelo, um Figueiredo de Vasconcelos, um Artur Nei-

va”.

²¹⁵ No original em vez de “do” está “de”.

²¹⁶ No original está: “copiosos elementos úteis à prevenção”, e na *Revista do Brasil*: “copiosos elementos à prevenção”.

²¹⁷ No original e na *Revista do Brasil* está: “como seu maior título”.

²¹⁸ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “devem” está “deve”.

²¹⁹ No original está: “onde ia combater, encontra Carlos Chagas”.

²²⁰ Na *Revista do Brasil* está: “*trypanosoma Cruzi*”.

²²¹ Na *Revista do Brasil* em vez de “na” está “da”.

²²² No original em vez de “inutilizados” está “inválidos”.

²²³ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “degeneradas” está “estragadas”.

²²⁴ No original está “úlceras do Bauru”.

²²⁵ No original está: “e a deixa”.

²²⁶ No original está: “onde também grassa essa doença”.

²²⁷ Na *Revista do Brasil* está “O nome do”.

²²⁸ No original está: “e da do mundo sobre o papel”.

²²⁹ Na *Revista do Brasil* em vez de “a” está “o”.

²³⁰ No original em vez de “havia” está “há”.

²³¹ Na *Revista do Brasil* em vez de “que” está “quem”.

²³² No original está: “logo o reconheceram por guia e mestre”.

²³³ No original em vez de “assentara” está “assentou”.

²³⁴ Na *Revista do Brasil* está: “questões de bacterioscopia, a que o diagnóstico”.

²³⁵ No original e na *Revista do Brasil* está: “aplicabilidade eventual, ao Rio de Janeiro e ao Brasil”.

²³⁶ No original em vez de “inseto” está “mosquito”.

²³⁷ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “modelada” está “inspirada”.

²³⁸ No original em vez de “esboçava” está “organizava”.

²³⁹ No original e na *Revista do Brasil* está “cedendo à intercessão”.

²⁴⁰ No original está: “que a administração municipal lhe franqueou”.

²⁴¹ No original em vez de “em” está “e”.

²⁴² No original e na *Revista do Brasil* está: “deu harmonia aos dois ramos”.

²⁴³ Na *Revista do Brasil* está: “a de agressão e a de defensiva”.

²⁴⁴ No original e na *Revista do Brasil* está: “foram duas lutas”.

²⁴⁵ No original em vez de “dos diagnósticos” está “do diagnóstico”.

²⁴⁶ No original está: “no Congresso Nacional, no congresso médico, nos quartéis”.

²⁴⁷ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “recusara” está “recusava”.

- ²⁴⁸ No original está: “não servissem estes, unicamente, para dar ainda mais rigidez a essa firmeza adamantina”.
- ²⁴⁹ No original e na *Revista do Brasil* está: “epidemias, que o vexavam.”
- ²⁵⁰ No original em vez de “desinfecar” está “desinfestar”.
- ²⁵¹ Na *Revista do Brasil* está: “a direção da saúde deste distrito”.
- ²⁵² Na *Revista do Brasil* está: “a que nunca minguem objeções”.
- ²⁵³ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “possuir” está “ter”.
- ²⁵⁴ No original em vez de “predicados” está “atributos”.
- ²⁵⁵ No original e na *Revista do Brasil* está: “feliz nação”.
- ²⁵⁶ No original está: “sem declínio, sem rival”.
- ²⁵⁷ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “cria” está “cura”.
- ²⁵⁸ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “davidado” está “dado”.
- ²⁵⁹ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “acrescentou” está “deu”.
- ²⁶⁰ Na *Revista do Brasil* em vez de “Podemo-nos” está “Podemos”.
- ²⁶¹ No original e na *Revista do Brasil* está: “ou o Governo”.
- ²⁶² No original em vez de “o” está “do”.
- ²⁶³ Na *Revista do Brasil* está: “a incapacidade”.
- ²⁶⁴ Não consta do original “os preparados”.
- ²⁶⁵ Incompleto no microfilme.
- ²⁶⁶ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “desconcerto” está “vezo”.
- ²⁶⁷ No texto-base em vez de “ao” está “no”.
- ²⁶⁸ No original e na *Revista do Brasil* está: “dois séculos na Igreja”.
- ²⁶⁹ VIEIRA, Antonio, Pe. *Sermões*. Lisboa: J.M.C. Seabra & T.Q. Antunes, 1854, t. I, p. 74.
- ²⁷⁰ No original está: “ao homem público não se há de negar”.
- ²⁷¹ Na *Revista do Brasil* está: “valedores constituíam um vício peculiar”.
- ²⁷² Na *Revista do Brasil* em vez de “amodernadas” está “amodernizadas”.
- ²⁷³ No original está: “as privanças, nepotismos e compadrios podiam ter o mesmo sabor de atualidade que nas mais abolorecidas monarquias.”
- ²⁷⁴ No original está: “não merecendo, sequer, a mera inscrição do próprio nome na loisa, que lhe lançaram sobre o corpo.”
- ²⁷⁵ No original está: “como um atentado”.
- ²⁷⁶ No original e na *Revista do Brasil* está: “com o desprezo, o esquecimento”.
- ²⁷⁷ No original em vez de “empeçonha” está “envenena”.
- ²⁷⁸ No original e na *Revista do Brasil* está: “A mocidade se abastarda, se desbria, se enxovalha”.

- ²⁷⁹ No original está: “desamando as causas para se alistar”.
- ²⁸⁰ No original em vez de “esfervilhar” está “enxamear”.
- ²⁸¹ No original em vez de “a” está “aos”.
- ²⁸² No original e na *Revista do Brasil* está: “ignorantes e nulos, é um valor de cultura”.
- ²⁸³ Na *Revista do Brasil* em vez de “tesoiro” está “tesouro”.
- ²⁸⁴ No original e na *Revista do Brasil* está: “ninguém talhado exatamente para elas”.
- ²⁸⁵ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “em” está “num”.
- ²⁸⁶ No original e na *Revista do Brasil* está: “ramos da administração, se nas demais esferas”.
- ²⁸⁷ No original está: “só o padecente se livra a si mesmo”.
- ²⁸⁸ No original está: “nações doentes, que não têm esse vigor d’alma, têm o seu território por menagem”.
- ²⁸⁹ No original em vez de “Porém” está “Mas”.
- ²⁹⁰ Na *Revista do Brasil* em vez de “da alma” está “d’alma”.
- ²⁹¹ Na *Revista do Brasil* em vez de “obtermos” está “obter”.
- ²⁹² No original em vez de “inexpugnável” está “imutável”.
- ²⁹³ No original está: “em que ele sucede”.
- ²⁹⁴ No texto-base em vez de “endêmicos” está “epidêmicos”.
- ²⁹⁵ PENNA, Belisario. *Saneamento do Brasil*. Sanear o Brasil é povoal-o; é enriquecel-o; é moralisal-o. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1918, p. 9.
- ²⁹⁶ No original em vez de “menos” está “ainda”.
- ²⁹⁷ No original está: “climas de uma excelência”.
- ²⁹⁸ No original em vez de “os” está “seus”.
- ²⁹⁹ Na *Revista do Brasil* em vez de “trabalhos” está “trabalho”.
- ³⁰⁰ Na *Revista do Brasil* está: “sobre nossos loiros”, e no original: “sobre esses loiros”.
- ³⁰¹ No original e na *Revista do Brasil* está: “mais vasto do que”.
- ³⁰² No original está: “Mas a imensidade do que ele acabou”.
- ³⁰³ Cf. VIEIRA, Antonio, Pe. “Sermão de Dia de Reis”. In: _____. *Sermões*. Lisboa: J.M.C. Seabra & T.Q. Antunes, 1855, t. 7, p. 363-5.
- ³⁰⁴ Na *Revista do Brasil* em vez de “rebate” está “retrato”.
- ³⁰⁵ No original está: “já o Padre Vieira dava rebate da mazela”.
- ³⁰⁶ No original em vez de “bradava” está “brada”.
- ³⁰⁷ No texto-base em vez de “sem” está “nem”.
- ³⁰⁸ Na *Revista do Brasil* em vez de “preparáramos” está “preparávamos”.
- ³⁰⁹ Na *Revista do Brasil* em vez de “chegavam” está “chegaram”.
- ³¹⁰ VIEIRA, Antonio, Pe. *Sermões*, cit., t. 7, p. 363-4.

- ³¹¹ No texto-base em vez de “companhia” está “campanha”.
- ³¹² No texto-base em vez de “desapercebidos” está “despercebidos”.
- ³¹³ *Ib.*, p. 364-5.
- ³¹⁴ No original em vez de “Desleixo” está “Deleixo”.
- ³¹⁵ No original em vez de “inconsciência” está “consciência”.
- ³¹⁶ Na *Revista do Brasil* está: “em que os nossos maiores cortavam canas”.
- ³¹⁷ No original está: “e moíam engenhos, enquanto”.
- ³¹⁸ Na *Revista do Brasil* em vez de “ao” está “no”.
- ³¹⁹ No original está: “anunciada a nomeação de um secretário, sobre que escolha não fora ouvido, conquanto recaísse em nome digno”.
- ³²⁰ No original está: “como um instrumento vivo”.
- ³²¹ No original e na *Revista do Brasil* está: “Mas, nesse coração”.
- ³²² No original em vez de “estreitava” está “estreitou”.
- ³²³ No original está: “Ele sentia”.
- ³²⁴ Na *Revista do Brasil* em vez de “seguia” está “seguiu”.
- ³²⁵ No original está: “Se alguém houvesse escutado o sussurro desse coração antes do passamento”.
- ³²⁶ No original em vez de “perceberia” está “ouviria”.
- ³²⁷ Na *Revista do Brasil* está: “aos quarenta anos de idade”.
- ³²⁸ No original e na *Revista do Brasil* em vez de “aflorava” está “aflorou”.
- ³²⁹ Na *Revista do Brasil* em vez de “quereria” está “queria”.
- ³³⁰ No original está: “acabava ele a carreira”.
- ³³¹ Na *Revista do Brasil* está: “dois anos de nascido”.

Índice Onomástico

- AFONSO, Pedro, Barão de [Pedro Afonso Franco]: 31
- ALVES, Rodrigues [Governo]: 62
- ALVES, Rodrigues [Presidência]: 37
- ANDRADE, Cândido de: 57
- ANTÔNIO, Santo [Fernando de Bulhões]: 65
- ARAGÃO, Henrique [Henrique de Beaurepaire Aragão]: 52
- BARBOSA, Luís: 57, 58 [2 v.]
- BEHRING, Emil Adolf von: 32
- BERNARD, Cláudio [Claude Bernard]: 20, 21, 38 [4 v.]
- BOCÁCIO [Giovanni Boccaccio]: 34 [2 v.]
- BORREL: 32
- BRESSY: 22
- BURMEISTER, Hermann: 54
- CAIRU, Visconde de [José da Silva Lisboa, Barão e Visconde de Cairu]: 45 [2 v.]
- CAMPOS SALES. V. SALES, Campos
- CARDOSO FONTES. V. FONTES, Cardoso
- CARNEIRO DE MENDONÇA. V. MENDONÇA, Carneiro de
- CASTRO, Francisco de: 35
- CHAGAS, Carlos [Carlos Ribeiro Justiniano Chagas]: 52, 54, 67
- CHAPOT [Eduardo Chapot-Prévoist]: 56
- COLOMBO, Cristóvão: 22, 36
- COVINO, Simão de: 26
- CRISTO, Jesus: 62 [2 v.]

CRUZ, Osvaldo [Osvaldo Gonçalves Cruz]: 19, 20, 27, 30 [3 v.], 31 [2 v.], 32 [3 v.], 33, 34 [2 v.], 35, 37, 38 [4 v.], 39, 40, 41 [2 v.], 42, 43, 45 [3 v.], 46, 48, 50, 51, 52 [2 v.], 53, 54 [4 v.], 55, 56 [2 v.], 57, 58 [2 v.], 60, 61 [2 v.], 64, 66 [2 v.], 67 [2 v.], 68, 71, 72 [2 v.]

CUVIER, Georges-Léopold-Chrétien-Frédéric-Dagobert, Barão: 38 [3 v.]

DAVAINE, Casimir-Joseph: 22

DIAS, Ezequiel [Ezequiel Campos Dias]: 52

DURHAM: 47

ELIAS: 67 [3 v.]

ELISEU: 67 [2 v.]

FAJARDO [Francisco de Paula Fajardo Júnior]: 57

FIGUEIREDO VASCONCELOS. V. VASCONCELOS, Figueiredo

FILIPPE, Luís [Luís Filipe I, Rei dos Franceses]: 38

FINLAY, Carlos Juan: 41, 57

FONTES, Cardoso [Antônio Cardoso Fontes]: 52

FREIRE, Oscar [Oscar de Carvalho Freire]: 53

GAMA LOBO. V. LOBO, Gama

GODÓI, Alcides: 52

GUERRA, Sales: 37, 56, 62

HAFFKINE: 33

HUXLEY, Thomas Henry: 25

JERÔNIMO, São [Eusebius Hieronymus]: 63

JUSTINIANO [Flavius Petrus Sabbatius Justianianus]: 27

KOCH, Robert: 56

LAVOISIER, Antoine-Laurent de: 24, 64

LAVERAN, Charles-Louis-Alphonse: 49

LAZEAR, Dr.: 57

LESSEPS, Ferdinand-Marie, Visconde de: 47, 49

LIEBIG, Justus von, Barão: 20

LIMA, Rocha [Henrique da Rocha Lima]: 52

LINDEMBERG, Adolfo Carlos: 55

LISTER, Joseph: 24, 29, 56

LITTRÉ, Maximilien-Paul-Émile: 26, 67, 68, 72

LOBO, Gama: 36

LUÍS XVI, Rei da França: 64

MAGENDIE, François: 21

MANSON, Patrick, *Sir*: 57

MANZONI, Alessandro: 34

MARCHOUX: 41, 42

MENDONÇA, Carneiro de [Fábio Carneiro de Mendonça]: 52

METCHNIKOV, Iliá: 32

MYERS, Walter: 47

NAPOLEÃO III, Imperador da França: 38

NEIVA, Artur: 52

OSVALDO. V. CRUZ, Osvaldo

PARIS, Gaston [Bruno-Paulin-Gaston Paris]: 22

PASSOS, Francisco Pereira: 58

PASTEUR, Louis: 20 [5 v.], 21 [4 v.], 22 [3 v.], 23, 24 [5 v.], 25, 27 [2 v.], 29 [2 v.], 30 [2 v.], 31, 52 [2 v.], 55, 56, 57, 67, 70 [2 v.], 71, 72

RABELO, Eduardo: 52

RAYER, Pierre-François-Olive: 22

REED, Walter: 57

RICHET, Carlos [Charles-Robert Richet]: 24 [2 v.]

ROCHA LIMA. V. LIMA, Rocha

RODRIGUES ALVES. V. ALVES, Rodrigues

ROOSEVELT, Theodore: 45

ROSS, Ronald, *Sir*: 57

ROUX, Emílio [Pierre-Paul-Émile Roux]: 32 [3 v.], 38

SALES, Campos [Presidência]: 37

SALES GUERRA. V. GUERRA, Sales

SALIMBENI: 42

SANARELLI, Giuseppe: 41

SCHAUDINN [Prêmio]: 52

SEABRA, Joaquim [José Joaquim Seabra]: 37

SIMOND: 41, 42

SYDENHAM, Thomas: 22

TUCÍDIDES [Thoukidídes]: 34

VAILLARD: 32

VAN HELMONT, Jan Baptist: 22

VASCONCELOS, Figueiredo: 52

VERDET: 21

VIANA, Gaspar: 52, 55

VIEIRA, Antônio, Padre: 62, 63, 68, 70

WOOD, Leonard: 41

YERSIN, Alexandre: 31, 33

Composto na Casa de Rui Barbosa com
fontes Sabon Linotype 10/13.
Acabou-se de imprimir, na Editora Lidoar,
em dezembro de 1999.
